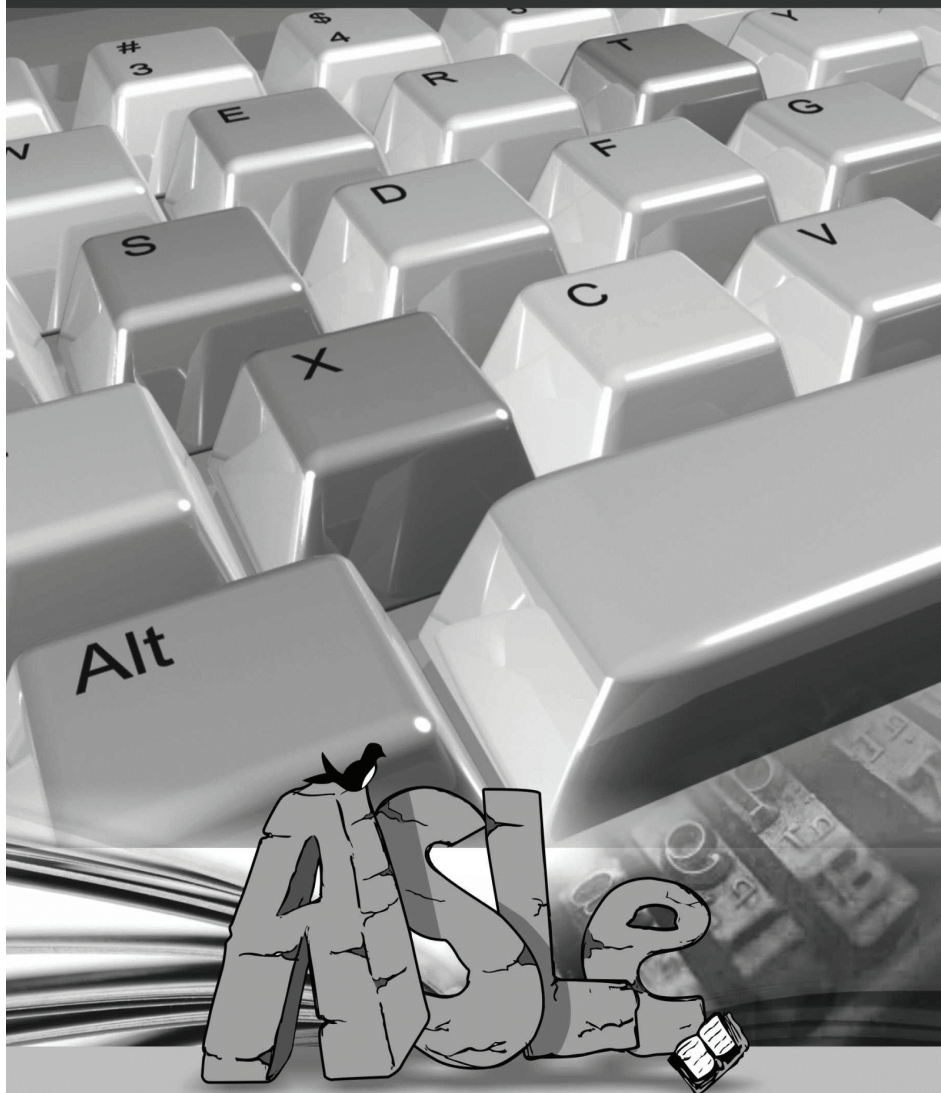


Coletânea - II



Academia Saltense de Letras

JUNHO / 2013

Academia Saltense de Letras

CRÉDITOS:



Academia Saltense de Letras – Junho/2013

Capa - Fabiano Cássio de Queiroz

Projeto gráfico – Gráfica EME

Revisão – Antônio Oirmes Ferrari e Valter Lenzi

Academia Saltense de Letras 2013 – II
Salto-SP: Academia Saltense de Letras 2013.

Vários autores

1. Crônicas brasileiras
3. Ensaios brasileiros

2. Contos brasileiros
4. Poesia brasileira

CDD-869B

IMPRESSÃO:

GRÁFICA EME

(19) 3491-7000 – Capivari-SP

www.grafica.editoraeme.com.br

orcamento@editoraeme.com.br



ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

Fundada aos 16 de junho de 2008.

Instalada oficialmente aos 25 de julho de 2008.

REGISTRO DE PESSOA JURÍDICA no.16.673- Cartório REG./SALTO.

DECLARADA DE UTILIDADE PÚBLICA - Lei Municipal no.3068/2011.

SALA DE REUNIÕES - PRAÇA PAULA SOUZA, 30 –Salto/SP.

Correspondências para a Rua Monsenhor Couto, 255

CEP 13320-210 - Centro - Salto - SP.

Diretoria da Academia Saltense de Letras, eleita para o biênio junho/2012 a junho/2014:

Presidente – Antônio Oirmes Ferrari

Vice-Presidente – Valter Lenzi

Secretária – Maria Damien Ignácio Pacheco

Tesoureiro – Augusto Gasparini Filho

Diretor Ambiental – Francisco Carlos Garcia

Diretora de Propagação Cultural – Carolina Padreca

Diretor de Relações Acadêmicas – Marcos Antônio Pardim

Conselho Fiscal – Efetivos

Olavo Marques de Souza – Presidente

Daniel Gasparini – Secretário

Genézio Migliori – Membro

Suplentes do Conselho Fiscal

Mércia Falcini, Marilena Matiuzzi e Odair Schiavone

Comitê de Ética Acadêmica

Lázaro José Piunti – Presidente

Nicodemos Rocha – Relator

Anna Osta – Membro

Demais acadêmicos

Anita Liberalesso Neri,

Keyla Ferrari Lopes,
Laíse Cristina Corti,
Rogério Carlos Lamana,
Cristina Maria Salvador,
Rosemari Ferrari,
Décio Zanirato Júnior,
João Carlos Milioni,
Claudete Souza, e
Amauri Arfelli

Membro Correspondente

Élton Frias Zanoni

“In Memoriam”

Ettore Liberalesso,
Anselmo Duarte, e
Antônio Maestrello

Salto, 16 de junho de 2013.

ASLe. - 5º. Aniversário – 1º.Lustro de atividades acadêmicas

- Apresentação -

Estamos em festas. Parece que foi ontem, quando nos reunimos pela vez primeira, objetivando a constituição da ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS. Já se passaram cinco anos, o 1º. Lustrô de atividades acadêmicas. A boa semente lançada pelo nosso saudoso ex-presidente Ettore Liberalesso em solo fértil, vem produzindo bons frutos.

Recordamos do dia, em que o confrade Lázaro José Piunti, com sua vasta experiência na sementeira de academias de letras, trouxe até nós as coordenadas para criação deste sodalício. As atenções da diretora da Cultura, Profa. Vânia Barcella e de todo pessoal dessa operosa Secretaria Municipal da Cultura, cedendo-nos valioso espaço para nossas reuniões. E mais recentemente, o apoio do confrade Pardim, hoje titular da Pasta da Cultura, levando-nos ao belíssimo prédio da Biblioteca Municipal, para nossos encontros e sessões solenes.

Quais objetivos norteiam a Academia Saltense de Letras? Porque ela existe? Como bem se apresentam em nosso Estatuto Social, seus objetivos se prendem à pesquisa, estudo e divulgação das letras, das artes e da cultura, em seus mais variados aspectos, com ênfase especial às produções referentes à nossa cidade e região, bem como cultivar a história de Salto e nosso idioma pátrio.

Para comemorar o 1º. Lustrô da ASLe., oferecemos ao público esta COLEÇÃO, em cujo bojo o leitor vai deleitar-se com os escritos de nossos acadêmicos. São trabalhos em prosa e em verso, além da seção de depoimentos dos confrades e confreiras sobre o nosso saudoso amigo, confrade e ex-Presidente da ASLe. - Ettore Liberalesso - o idealizador e primeiro Presidente da Academia Saltense de Letras. Neste Livro, quem nos honrar com sua leitura vai ao encontro de mais de vinte acadêmicos que – em prosa e verso - exprimem sonhos, realidades, quimeras, a vida, os desafios, as vitórias - tendo na alma a sutileza das letras e a candura dos versos, e como ferramenta a nossa Língua Portuguesa, “a última flor do Lácio”, como bem dizem os versos do festejado poeta Olavo Bilac:

- LÍNGUA PORTUGUESA -

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És a um tempo esplendor e sepultura
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procéla
E o arrollo da saudade e da ternura !

Amo o teu viço alegre e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”
Em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Brindemos unidos este 1º. Lustrro de desafios, trabalhos e realizações. E alcemos novos voos e novas conquistas, pois voar também significa ser feliz, confiar em nosso poder - com o ideal imperecível do saudoso Ettore. Vamos crescer! Com as mãos de Deus ao nosso lado, enfrentemos novos desafios: “a vida é luta renhida, viver é lutar”. Novas vitórias virão. A ASLe. somos nós!
Salto, 16 de junho de 2013.

- Antônio Oirmes Ferrari - Presidente da ASLe. -

Nossa última reunião com Ettore

Antônio Oirmes Ferrari

Cadeira no.07

Patrono: Machado de Assis

Foi exatamente no dia 20/06/2012, nas dependências do histórico Teatro Verdi que o saudoso baluarte de nossa Academia de Letras, Ettore Liberalesso, participou de sua última reunião conosco, ocasião em que transmitiu o cargo de Presidente ao seu sucessor. Os presentes aplaudiram o comandante que encerrava, com galhardia, o seu mandato. Fora naquele evento seu derradeiro encontro com o pessoal da ASLe. No mês seguinte, aos 31/07/2012, Ettore nos deixava para sempre... Restou-nos a saudade e as obras imperecíveis que realizou.

Nesse último encontro festivo - seria uma despedida ? - fixando em seus olhos emocionados, lhe dirigimos a palavra de gratidão de todos, por mais essa obra imperecível que ele criou, ao longo de sua vida: a *ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS*.

“Prezado amigo e confrade Ettore: Recebo com humildade e cômulo das responsabilidades do cargo, o bastão presidencial da Academia Saltense de Letras, a nossa ASLe., tão bem conduzida pelas mãos firmes e probas do venerável confrade Ettore Liberalesso, sem dúvida, um baluarte, a viga-mestra deste sodalício, que cumpriu de modo sobranceiro a sua missão presidencial. Nem mesmo a insidiosa doença - que nos deixou sobremaneira preocupados no início deste ano - empanou a determinação, a garra e a vontade de realizar do nosso Presidente, pessoa que todos nós admiramos pela retidão de caráter, pelo seu talento e incontido amor à terra que o viu nascer, esta Salto, seu berço, sua escola, seu trabalho, sua família, seus inúmeros amigos e as muitas sociedades de que participou, com muito trabalho e especial carinho. Ettore escreveu com inteligência, pesquisa e tirocínio a continuidade da História de Salto – e outros trabalhos mais – sempre colocando em relevo a sua querida cidade. A Academia Saltense de Letras, nascida no dia 16 de junho de 2008, está comemorando mais um glorioso Aniversário. Começamos com 16 acadêmicos e hoje, com o ingresso do escritor Rogério Carlos Lamana, chegamos a 25, incluídos os saudos Anselmo Duarte e Antônio “Dide” Maestrello, que estarão sempre entre nós. Muito se fez nesse período: a ASLe. tem personalidade jurídica, registrada em Cartório, seu regimento interno, sua logomarca, participou já de desfile em homenagem à cidade e editou a sua Coletânea, com poesias e artigos da lavra dos nossos acadêmicos. Não podemos deixar de mencionar que a semente para a frutificação da ASLe., aqui chegou pelas mãos do confrade Lázaro Piunti, que trouxe as coordenadas de seu vasto conhecimento, para criação deste sodalício. Palavras de gratidão e reconhecimento também à Diretora da Cultura, Profa. Vânia Barcella, sempre presente, nos prestigiando sobremaneira, bem como a toda Secretaria da área cultural, que nos acolheu sempre, cedendo-nos uma sala para nossas reuniões mensais. Estamos recebendo hoje um novo confrade, o diligente escritor Rogério Carlos Lama-

na. Vem ele tonificar , sem dúvida, engrandecer a nossa Academia. Seja bem-vindo Rogério! É mais um confrade que chega!

Por que estamos na Academia Saltense de Letras ?

Lendo o apóstolo São Paulo, em uma de suas epístolas, vamos encontrar a frase SIC TRANSIT GLORIA MUNDI: a glória do mundo é transitória. Ainda que tudo seja transitório, o ser humano busca um sentido para sua vida. O festejado poeta Vinicius de Moraes diz, em uma de suas belíssimas músicas: **“e no entanto é preciso cantar, mais que nunca é preciso cantar”**. Por que é preciso cantar ? Ele não justifica, não oferece explicações. Mas nas entrelinhas entendemos por quê. Assim como nosso genial escritor Machado de Assis disse com todas as letras: **“todo homem tem o dever de seguir a estrada, que passa pela sua aldeia”**. Perguntamos outra vez, por quê ? O que de especial existe nessa estrada, que nos leva para fora de casa, do conforto familiar, do lazer, do descanso e nos faz enfrentar desafios, lutas e tudo o mais, ainda que saibamos que a glória do mundo é transitória ?

Essa chama, esse impulso se chama a **busca do sentido da vida**. E o final dessa busca é o dar de si, o não viver para si mesmo, é pensar no semelhante, em sua aldeia, em sua cidade. E em meio a isso, não podemos deixar o **Amor trancado dentro de nós** e esquecer o mundo, pois isso seria ir contra o espírito de Deus lavrado em sua mensagem milenar: “amai-vos uns aos outros” E o poeta carioca Francisco Otaviano de Almeida Rosa bem retrata esse sentido de viver intensamente, em seus lindos versos:

*“Quem passou pela vida em branca nuvem e em plácido repouso adormeceu;
Quem não sentiu o frio da desgraça;
Quem passou pela vida e não sofreu;
Foi espectro de homem, não foi homem;
Só passou pela vida e não viveu”*.

Aqui estamos, amigos, para - com a imprescindível participação dos confrades e congreiras – dar continuidade a um trabalho cultural de preservação e divulgação de nossas letras , das artes, da história de Salto e do idioma pátrio, iniciado há quatro anos. A Academia é a nossa estrada, temos de segui-la e engrandecê-la, seguindo as sábias palavras do mestre Machado de Assis: *“todo homem tem o dever de seguir a estrada, que passa pela sua aldeia”*. E parodiando o gênio Vinicius “é preciso cantar, mais do que nunca é preciso cantar.” Agradeço a confiança de todos, ao nos conduzir à presidência, sucedendo o nosso querido Ettore Liberalesso, cujo trabalho foi coroado de inteiro brilhantismo. Agradeço aos demais diretores que cumpriram seu mandato, ao mesmo tempo em que cumprimento aos que hoje assumem os vários cargos diretivos, ao nosso lado. Nossa gratidão ao Grupo Vocal da Associação. Italiana Giuseppe Verdi e ao Conjunto Musical do nosso Conservatório, que encantaram a todos nós. Muito agradecido a todos que aqui comparecem nesta reunião festiva: familiares, parentes, amigos e demais convidados. Deus – que a tudo governa – nos conduza por caminhos seguros, nesta nossa missão. Se cometer algum erro, nesses dois anos de mandato, humildemente peço que me corrijam e me perdoem. Vamos trabalhar unidos pela Academia Saltense de Letras. Sempre juntos! Um por todos! Todos por um! Meu

querido amigo Ettore, agradecido pelo seu incansável trabalho em favor da ASLe. Tenho orgulho de receber, neste instante, de suas honradas mãos esta Presidência. Peço ao Criador que guarde a todos nós!



**Ettore Liberalesso dá posse ao prof. Antonio O. Ferrari
na presidência da ASLe**

Salvar o Tietê é salvar a própria vida

**Antônio Oirmes Ferrari
Cadeira número 07**

Patrono: Machado de Assis

O histórico e lendário Rio Tietê, que já foi marco de integração e beleza nos tempos idos, está hoje transformado em verdadeiro esgoto a céu aberto. Se nos colocarmos a contemplá-lo, nada mais que profunda e indizível tristeza se abate sobre nós. Esta estância turística de Salto, a nossa querida terra, que nasceu praticamente às margens do lendário Rio Tietê, comunga dessa tristeza e decepção, face ao estado de morbidez a que fora submetido nosso rio histórico. Triste Rio Tietê, sofrido Rio Tietê, mórbido Rio Tietê, quem o viu e quem o vê. Ontem, suas águas límpidas e cristalinas - e esse quadro vimos de perto em nossa meninice - levavam nossa gente às suas margens para desfrutar da beleza de sua natureza: os peixes, a contínua vegetação de sua vasta flora nativa, linda e pródiga. Sua ca-

choeira era verdadeiro cartão-de-visitas, que os saltenses mostravam com orgulho aos visitantes. O Tietê era vivo, forte, marulhante, como a dizer ao mundo que aí estava como uma dádiva da natureza, com que Deus nos presenteou.

Tietê de ontem, Tietê de hoje, duas realidades antagônicas, que se chocam e nos levam à decepção e tristeza. O presente de Deus foi, infelizmente, desfigurado pela ação do homem. Não bastasse a triste realidade, recordamo-nos do descaso para com o histórico rio, pelos que detêm as rédeas do Governo Estadual. As pessoas que costumeiramente leem jornais, hão de recordar-se do absurdo da lavra dos constituintes, inserindo na Carta Paulista - quem não se lembra desse descalabro? - o artigo 46 das Disposições Transitórias, que impedia dentro do prazo de três anos, naquela época, o bombeamento das águas servidas, dejetos e de outras substâncias poluentes para a represa Billings. Naquela ocasião, livrava-se a Billings e massacrava-se o esquecido Rio Tietê. Verdadeira ausência de discernimento e bom-senso. Confortavam-se as regiões lindeiras à Capital e sacrificavam-se as interioranas.

Salto, cuja cidade tem o Rio Tietê custando praticamente parte de sua malha urbana, hoje trata de seu esgoto doméstico, com sacrifício e despesas carreadas para o próprio povo, em sua conta mensal de consumo de água. Ironicamente, recebe desse maltratado rio de tantas histórias, a forte poluição a não mais poder. O assunto é grave, gravíssimo e exige de todos os segmentos da sociedade ampla reflexão. Dejetos de toda sorte são trazidos pelas águas fétidas e de visão horripilante, ao longo do vasto percurso do rio, até nossa cidade. Esses dejetos acumulam-se em depressões e permanecem estagnados, dando ao ambiente e ao homem de nossa urbe, triste visão do lixo contaminado, às margens do outrora maravilhoso Rio Tietê. É um quadro quase dantesco.

Que dizer, então, das imensas espumas, horríveis, fétidas e que chegam a atingir alguns metros junto às cabeceiras das pontes? Essas espumas densas e de odor insuportável, resultantes de produtos não biodegradáveis, invadem as margens e depressões, junto ao leito do rio e destroem as reservas vegetais e matas ciliares. Quando secam, no local onde se instalaram, o quadro é desolador, pois qual mancha queimada, deixam, em verdade, por onde passaram um rastro de terra destruída e seca.

O nosso habitante, então, para quem se deve dar qualidade de vida, sofre de perto problemas graves de saúde, como ardência nos olhos, que levam à conjuntivite, além de quadros de alergia e infecções graves. Há alguns anos, o ilustre e competente médico saltense Dr. José Carlos Servilha proferiu apreciada palestra, durante a qual alertou sobre a gravidade que vivemos, face à poluição excessiva do rio, passando pelo perímetro urbano de Salto. Segundo claras informações médicas, há cotidianamente aumento de doenças respiratórias, face à poluição do ar, que nós - habitantes de Salto - respiramos em nosso dia a dia. Dores de cabeça e náuseas também são constantemente detectadas pelos médicos nos hospitais locais,

em grande número. Por outro lado, não estão livres de corrosão materiais diversos, postos em locais mais próximos a essas substâncias poluentes, como objetos de couro, livros e móveis.

Margeando o Tietê, Salto vive esse quadro triste, embora suas autoridades tenham-se movimentado, dentro do que lhes compete, participando de encontros, reuniões e congressos, cujo temário é a “saúde do Rio Tietê”.

Precisamos da inestimável colaboração e firmeza de todos os cidadãos, voluntários ou não. Em especial os que têm relevância junto aos poderes governamentais do Estado. A causa é das mais justas, pois implica na qualidade de vida de uma comunidade, que espera receber de volta a dádiva que lhe deu a natureza, pelas mãos de Deus. **SALVEMOS O RIO TIETÊ, PARA SALVARMOS A PRÓPRIA VIDA!**

Exéquias antecipadas

Valter Lenzi

Cadeira no. 06 -

Patrono: Mário Dotta

Tem gente anunciando as exéquias dos livros, mais ou menos os mesmos que preveem o fim dos jornais e de tudo o que é impresso. São os partidários daqueles aparelhinhos que os jovens manejam com uma facilidade incrível e que nós, os acostumados a virar as páginas de papel, não sabemos nem ligar, quanto mais acessar os programas.

Por ocasião da realização da Feira Internacional do Livro de Parati e a Bienal do Livro em São Paulo, os “intrusos” estavam lá, nas mãos dos garotos, enquanto os de mais idade olhavam torto. Os meninos mostravam a facilidade em ligar, virar as páginas, destacar trechos, aumentar, diminuir, se extasiando com as facilidades dos e.readers ou e-books. Os que ficaram a vida toda lendo livros impressos em papel faziam de conta que não era com eles e preferiam consultar os volumes colocados nas prateleiras.

Repórteres de emissoras de TV entrevistaram várias pessoas e as opiniões foram as mais contraditórias: alguns achavam que o livro impresso nunca vai acabar, outros exaltavam as propriedades do livro digital como seu substituto, enquanto os mais precavidos preferiam não vaticinar o fim de um ou a supremacia de outro.

Sou suspeito pra falar, mas para mim o livro, assim como aconteceu com as emissoras de rádio e tem acontecido ultimamente com os jornais, nunca vai acabar ou pelo menos isso não vai acontecer nos próximos 50 anos. Prova é que grupos poderosos continuam adquirindo editoras e livrarias, não porque têm simpatia pelos livros impressos, mas porque sabem que eles ainda são um bom negócio.

Quando a TV surgiu anunciaram o fim do rádio e as emissoras estão aí, algumas delas faturando mais que canais de televisão. Coisa parecida acontece com os jornais e revistas, haja vista recente notícia publicada por *O Estado de S. Paulo*, sob o título: “Fim do jornal: uma profecia que não se cumpriu”, relatando que a circulação parou de cair nos EUA e cresce na Alemanha, Japão e países emergentes, acrescentando que mais jovens estão lendo o noticiário no papel. Isso mesmo: mais jovens. Aliás, em pesquisas feitas na cidade por empresas especializadas, mostraram que a faixa etária que mais lê o jornal *Taperá* é a de 16 a 29 anos, o que causou surpresa ao próprio pessoal desse bissemanário saltense.

Essa discussão envolvendo o atual e o antigo, me faz lembrar uma crônica do Ignácio Loyola de Brandão, publicada no “Estadão” há algum tempo. Ele contava que seus sobrinhos (ou netos, não me lembro exatamente) encontraram uma máquina de escrever no porão de sua casa e ficaram extasiados com o que ela fazia: não

precisava de energia elétrica, nem esperar para entrar no programa, era só colocar papel, escrever usando o teclado e nem havia necessidade de impressora: o texto saía na hora.

Os partidários das exéquias antecipadas dos livros devem deixar de lado suas previsões fúnebres e reconhecer que ainda tem muita gente preferindo a leitura dos textos impressos. Não precisa ligar, nem entrar no programa, nem apertar botões e muito menos trocar a pilha ou a bateria quando acaba. Basta virar as páginas e sentir aquele cheirinho que só eles têm...

Meu 8º filho

Valter Lenzi

Cadeira no. 06

Patrono: Mário Dotta

Nasce amanhã, com hora marcada, meu oitavo filho. Será um parto normal, sem traumas, sem o uso de fórceps e assistido por um número razoável de pessoas. Ele foi concebido durante 4 anos e teve gravidez tranquila, sem a necessidade de ginecologistas ou de outros profissionais da área médica. Especialistas cuidaram para que ele fosse aumentando de volume com o correr das semanas, reunindo cada uma de suas partes para formar um todo considerável e compacto.

Neste momento de felicidade recordo-me dos meus primeiros sete filhos:

O primeiro e mais velho tem hoje exatos 40 anos. Era uma época de vacas magras, por isso sua concepção foi difícil, trabalhosa. O parto não foi tranquilo, houve muitos sobressaltos e surgiu até a dúvida de que ele não nasceria forte. Mas vingou e até hoje é consultado quando as pessoas precisam das informações que ele fornece.

O segundo surgiu 28 anos após o nascimento do primeiro, quando se imaginava que se esgotara a fertilidade da mãe. Ledo engano. Foi tão fértil que a cidade toda acompanhou os primeiros dias do rebento, admirando seu aspecto, seu conteúdo. Como pai, fiquei orgulhoso.

O terceiro veio 4 anos depois e, assim como o segundo, também despertou o interesse das pessoas. “É lindo”, diziam alguns; “Interessante”, analisavam outros. Recebi também muitos elogios.

No embalo do terceiro surgiu o quarto, logo em seguida. As pessoas já estavam se acostumando com meus garotos e passavam as mãos neles o tempo todo, verificando o que tinham a dizer, pois eles já nasciam falando pelos cotovelos.

O quinto, nascido em 2005, foi um tanto diferente dos anteriores, mas nem por isso deixou de despertar a atenção das pessoas. Olhavam pra ele com admiração e pela primeira vez houve quem duvidasse da minha paternidade. Não fiquei chate-

ado, pois era isso mesmo que eu pretendia, pois lhe dei um nome próprio diferente do meu.

O sexto, fruto de parto ocorrido em 2006, foi o mais baixinho, de poucas palavras, admirado por uns, ignorado por outros, mas eu lhe oferecia o mesmo amor que dispensei aos demais.

Finalmente veio o sétimo, em 2008. Este deu trabalho. Gerá-lo não foi fácil, o parto, então, pelo seu volume, foi dos mais difíceis. Com consideráveis ajudas, porém, nasceu forte e esbelto, tornando-se um dos meus principais orgulhos.

Agora chego ao oitavo. Quarenta anos o separam do primeiro, sinto-me ainda fecundo, com plena capacidade de produzir. Considero-me livre da esterilidade, mas tenho consciência de que ela um dia chegará.

Nesse dia, olharei com ternura para meus garotos, afagarei cada um deles e lhes recomendarei que mantenham a postura, continuem solícitos, não negando nenhuma informação aos que deles precisarem. E, parodiando Chico Buarque, direi orgulhoso e no plural:

– Esses são os meus guris!

(*) MEUS OITO “FILHOS”:

1º - “História do Esporte Saltense” - 1970

2º - “Cidade Divertida e Pitoresca” - 1998

3º - “Crônicas da Cidade” - 2002

4º - “Momentos” - 2003

5º - “Boca-de-Siri” - 2005

6º - “Croniquetas” - 2006

7º - “120 Anos da Imprensa Saltense” - 2008

8º - “Vagueando” - 2010

Pretérito mais que Perfeito

Maria Damien Ignacio Pacheco

Cadeira nº 15

Patronesse: Prof^a Benedita de Rezende

Ó doce tempo da infância tão risonha
Onde tudo fora sonho, festa, fantasia...
A pobreza da vida, a clareza dos dias,
não se vislumbrara, não se sofrera,
pois fora suficiente
o amor e a ternura recebida!

Como o coração pulsara de euforia
ao ganhar em algum domingo, que alegria,
o docinho humilde que o pai trouxera:
Maria mole, suspiro ou queijadinha,
pé-de-moleque, paçoca ou cocada tão branquinha!

Brinquedo fora coisa de luxo, se soubera,
mas para nós bastara a louca porfia
da pequena bola de borracha,
que contanto afã na calçada se jogara...
Em nossos olhos a marca ficara
dos riscos tortos da “Amarelinha”
que pequena mão ali traçara.

E a expectativa de prazer e medo
ao amanhecer o Dia de Natal?
E se lá, no canto da salinha,
perto da árvore tão pequenina,
nenhum presente houvera?

Mas sempre lá estivera
a dádiva de amor dos pais,
os pobres presentes não esquecidos jamais:
xicrinhas de vidro, uma gaitinha,
uma bola, um bombom, uma nova roupinha!

O pequeno presépio arrumado na mesinha,
tivera apenas Jesus, Maria e José.
um pastor, um carneirinho
e os Reis Magos vindo de mansinho...
Mas fora ali que se rezara e agradecera,
todos os anos, o bem que nos coubera.

Depois, a pequena ceia que a mãe preparara,
coisas em que raramente se pensara:
um franguinho assado, uma farofa, um pudim,
um encanto, uma leveza, um sonho enfim!

O pai que sempre depois o violão pegara
e o nosso pequeno coração estremeceu,
com músicas tão lindas, suaves e saudosas,
derramando-se em notas preciosas,
despertando incontidas emoções!
“Branca”... “Aurora”... “Pisando corações”...
“Eu sonhei que tu estavas tão linda”...
“O destino desfolhou” e ainda
o romantismo da “Rapaziada do Braz”...
Que doce torpor de tristeza e de alegria,
com leves sombras de melancolia...

Há muito tempo... muito tempo!
Se vivera... se sonhara... se crescera... se perdera...

A “Rocha Moutonnée”

Maria Damien Ignacio Pacheco
Cadeira nº 15

Patronesse: Prof^a Benedita de Rezende

Sucedeu que num ponto do Universo,
para além dos desertos estelares,
entre miríades de mundos similares,
a matéria cósmica se condensou
e uma imensa nebulosa se formou.
Desse vórtice medonho, esplendente,

Surgiu a nossa Terra incandescente!
Através de milênios incontáveis,
em convulsões e agruras insondáveis,
solidificou sua superfície renitente,
seu arcabouço de granito finalmente.
Abalos, tremores, fissuras, explosões,
violento surgir de tremendos vulcões,
modificavam num sopro, em vazia solidão,
a face torturada do mundo em formação!

Quinhentos milhões de anos rolaram
Desde que as rochas de granito se formaram!

As águas que caíam sobre o solo ardente
vaporizavam-se continuamente,
desabando em chuvas torrenciais.
Espessos vapores, brumosos, letais,
escureciam os céus, a terra, o ar;
mas raios de sol já surgiam devagar
e as águas principiavam a parar!

Num momento qualquer de uma era geológica,
aparentemente sem nenhuma lógica,
uma brusca mudança aconteceu:
– a posição do eixo da Terra se moveu.

A baixíssima temperatura que adveio
cobriu tudo de neve, e de permeio
montanhas de gelo se criaram
gigantes brancos como fantasmas se formaram
e as geleiras possantes se elevaram!

Novamente a temperatura amenizando,
As pomposas geleiras deslizando,
Rasgaram profundamente o dorso dos granitos,
Deixando nas rochas, tão bonitos,
Os testemunhos da intensa glaciação!

Mais duzentos e cinquenta milhões de anos escoaram,
Como névoas perdidas se esfumaram,
Dentro das leis da eterna evolução!

E aqui está, nesta terra bendita,
pequeno pedaço do solo paulista,
a nossa ***Rocha Moutonnée!***
Trazendo ainda as marcas ideais
atestando as passagens colossais
das montanhas de gelo!

Ela assistiu as convulsões da Terra,
viu crescer ao seu redor floresta imemorial
com plantas prodigiosas de tamanho irracional.
Sentiu tremer o solo com o passo trepidante
das imensas criaturas sibilantes,
os dinossauros de porte arrepiante!

Monumento vivo de um passado silente,
o formoso granito saltense,
nos prestigia no conjunto da nações:
de Moutonnée no mundo só duas opções,
pois como esta só na Austrália existe uma,
mostrando de Deus as sábias decisões.

Diante disso, nossa vida passageira,
tomadas as devidas proporções,
é um nada confundido na poeira.
É gota d'água perdida no oceano do infinito,
é grão de areia no deserto do irrestrito.

Uma palma para o Brasil

Gasparini Filho

Cadeira no.12

Patrono: São Francisco de Assis

Na tela dos sonhos projeta-se a imagem,
menino, garoto, de crença e coragem,
da Salto pacata, amena e singela...
Das ruas descalças, da luz penumbrosa,
do apito do trem, dos versos, da prosa
e dos filmes de amor, dos reis, de donzela...

Na tela da vida, em obras marcantes,
nas alças do mundo, em terras distantes,
cenário de gala, aguarda o ator...
Suspense... emoção... o instante final,
sem cortes, ranhuras – em cena real,
e o filho da terra se faz vencedor.

Na tela da glória, no aplauso profundo,
da Europa distante – ao resto do mundo
levantam-se os brados, em honra e louvor;
nas cenas marcantes reluz a vitória,
e brilha um saltense – registra a história,
é a láurea maior – ao bom pagador.

Na tela do aplauso a luz resplandece
em fochos brilhantes – e o mundo conhece
no jovem talento, a essência da arte;
e ante ao cenário que a glória revela
o júri coloca, em noite singela
no topo do pódio: Anselmo Duarte!

Homenagem ao cineasta saltense Anselmo Duarte, pela conquista da Palma de Ouro, no festival de Cannes, na França, em 1962.

Tietê, um rio de sonhos

Gasparini Filho

Cadeira no.12

Patrono: São Francisco de Assis

Da alvura das águas, lembranças somente,
lendário Tietê, das rochas dormentes,
contorno das margens, e a pesca sonhada.
Em meio ao seu leito, perene emoção,
a rede, a tarrafa, o caniço, o arpão,
e a volta pra casa era festa marcada.

Das águas serenas – às quedas gigantes,
cachoeiras que entoam acordes marcantes,
orquestras que elevam serestas ao léu...
Sussurro imponente vagando às alturas
em ecos que ascendem no espaço aventuras,
mirando-se às nuvens, nos altos do céu!

Estende o seu leito e acolhe o turista,
talento e prudência, qual saga de artista,
engraça-se em ondas, qual graça de um mar;
convite à deriva, e à rara beleza
do encanto divino, da mãe natureza,
remontam-se os sonhos...é só navegar.

No tempo que urge, que pede e que implora,
salvemos o rio, nosso rio – sem demora,
cristais essas águas, queremos rever;
é um marco importante no seio da história,
é glória e orgulho – é um hino à vitória
ao vê-lo de novo, assim renascer.

Sonho dentro do sonho

Francisco Carlos Garcia

Cadeira no.13

Patrono: Monteiro Lobato

“Sonhar é acordar por dentro.” (Mário Quintana)

Em “Rosa Púrpura do Cairo”, a personagem do filme trabalha duro como garçone. Explorada pelo marido violento e bebedor, ela então se refugia na ilusão do cinema que propõe glamour aos tropeços de sua vida real. Assiste inúmeras vezes o mesmo filme em que o galã é um misto de poeta, explorador e aventureiro. Numa das exibições, o ator repara naquela moça da plateia que não perdeu uma só sessão e decide fazer o caminho oposto ao dela: sai da tela para o mundo real. O que segue então é um sonho dentro do sonho. Em todos os lugares onde o filme está em exibição o personagem desaparece e o filme torna-se surrealista. É uma loucura, todos os outros personagens ficam sem saber o que fazer. Se você não viu ainda, vale conferir!

Pois esse surrealismo me fez lembrar de uma história que li há muito tempo. Era sobre um garoto – Petrônio - criado pela mãe – dona Olinda. O marido e pai, respectivamente, os abandonou sem explicação. O ano era 1942. A mãe decidiu poupar o menino daquela rejeição e, durante toda sua infância, lhe dizia que seu pai estava na guerra. O abandono foi assim: dona Olinda, ainda convalescente do parto, estava sentada na cadeira de balanço com a criança. Enquanto amamentava, ela ouviu o marido dizer que ia sair para comprar um frango; uma canja sempre é bom para renovar as forças de quem amamenta. O fato é que ele saiu e nunca mais voltou. A partir de então, dona Olinda não tocou no assunto com ninguém. Ao contrário, para o filho ela criou justamente a fantasia que seu pai era um herói que estava na guerra!

O tempo seguia. Petrônio, preservado pela história da mãe, viveu toda infância na ilusão que seu pai era um herói. Tinha certeza que um dia ele voltaria. Enquanto esperava, suas brincadeiras sempre envolviam tramas de guerra em que, ele e o pai, eram personagens centrais. Seus brinquedos eram canhões, suas aventuras se passavam em lugares ermos, cheios de esconderijos, em trincheiras cobertas de sangue, barulhos e cheiros de guerra!

Eu disse que o pai nunca mais voltou, mas não é verdade; ele veio sim uma única vez, no casamento de Petrônio. Isso, após vinte e cinco anos. Dona Olinda estava sentada na varanda, na mesma cadeira de balanço. O homem parou na frente dela, num comportamento típico de quem saiu de casa minutos antes. Ela o encarou com serenidade surpreendente e ele ali parado, sem dizer nada, como que esperando ser convidado para entrar. Ela calma, olhando nos olhos dele perguntou: “ – *E então? Trouxe o frango?*” E ele: “ – *Não!*” O que aconteceu a partir disso foi um ato de fúria

da mulher. Apontando para o portão ela gritou: “- *Desapareça. Suma da minha frente. Onde já se viu seu imprestável, vinte e cinco anos para comprar uma galinha e tem o atrevimento de voltar sem ela!*” Desta vez sim ele foi embora e nunca mais voltou!

“O tempo passa”, dizia Fiori Gigliotti! Há vezes que nós o desperdiçamos, noutras “rachamos palitos de fósforo” para economizar. Não seria legal se, como crianças, fizéssemos escolhas surrealistas? Se tivéssemos coragem de viver o abstrato, o irreal, o ilógico? Está certo mesmo o Quintana: “*sonhar é acordar por dentro!*”

Meu “amigo” Anselmo

Francisco Carlos Garcia

Cadeira no. 13

Patrono – Monteiro Lobato

“Amigo é aquela pessoa que, apesar de nos conhecer a fundo, mesmo assim nos quer bem!”

A palavra amigo é banalizada. Muitos a usam, corriqueiramente, só porque conhecem alguém! O sujeito convive no trabalho, na escola e sai dizendo que fulano é meu amigo ou que sou muito amigo de beltrano. NÃO É! O que existe aí é relacionamento, pode ser de vizinho, comercial ou até político. A frase acima não deixa brechas; para ser amigo é preciso muito mais do que conhecimento mútuo. Fiz esse comentário a propósito da morte de Anselmo Duarte de quem não fui amigo, exatamente, embora nos últimos dias muitos apareceram, deram depoimentos, juraram eterna amizade que a vida nem sempre confirmou. E a bem da verdade, registre-se, em vida ele também usou e abusou do termo, mas amigos mesmo foram poucos. Dos outros com ele e vice-versa.

Como muitos, eu tive oportunidade de compartilhar um pouco da vida de Anselmo. Antes dessa curta convivência eu já admirava seus trabalhos. Ele era um galã, bonito, mas a visão machista refreia um homem em admitir que outro é bonito. Fiquei calado sobre isso nos meus treze anos, quando o achei muito galante em “Tico-Tico no Fubá”. A cena dele morrendo caído em plena rua então, de olhos vítreos e abertos, muito me marcou. Quando falei sobre isso com Anselmo ele desmistificou: “o diretor Adolfo Celi me fez ficar acordado a noite toda para obter aquele efeito!” Será? Ele nem sempre repetia algumas afirmações, mas isso não importava porque elas lhe brotavam gostosamente, sempre originais!

Conversar com ele então era só ouvi-lo; dava-se o tom e música ia em frente. Exemplos: - Anselmo, e o Francisco Alves? Você conviveu com ele?! E ele: - “Estive-

mos juntos horas antes dele morrer na Dutra, aliás, eu fiquei com o violão do Chico Viola, como nós o chamávamos!” - E o Ibrahin Sued, Anselmo? Como era? – “Um aventureiro sem nenhum vintém! Morou comigo de graça muito tempo, isso sem falar dos almoços que lhe paguei e mesmo do dinheiro que dei tantas vezes para o bonde. Ibrahin só tinha uma calça, a noite ele alisava com as mãos e botava em baixo do colchão para pegar vinco!”

Outro testemunho veio de uma conversa que tive com Raul Cortez numa academia que frequentávamos. Eu assistira “Rasga Coração” e esse foi o ponto de partida da conversa. Meu sotaque me levou para Salto e chegou no Anselmo. A conversa se estreitou: Anselmo? Como ele tá? Faz tanto tempo! Questionamentos e elogios! Quando contei isso ao Anselmo ele foi enigmático: – Raul Cortez era esquisitão. Foi filho único se não me engano, superprotegido pela mãe. Também morou comigo por uns tempos e ficou semanas brigado sem conversar, porque usei o sabonete dele!

O assunto preferido dele mesmo era o “Pagador de Promessas”, embora tenha falado centenas de vezes de duas coisas: dos diretores internacionais que superou e das mulheres que conquistou. Do filme, temos registros em livros, revistas. No entanto, comigo ele inseriu coisas que não vi por aí, por exemplo. O presidente Kennedy era curioso sobre América Latina, com a vitória em Cannes, ele quis ver o filme. Houve uma sessão exclusiva na Casa Branca. Nas palavras de Anselmo deu-se uma interrupção na projeção. Era um incidente com Cuba, que originou a crise existente até hoje. Como eu disse, Anselmo era um contador de histórias; não sei se isso aconteceu e se foi desse jeito, o fato é que, com a interrupção, Kennedy chamou-o novamente para uma outra apresentação, até a Jacqueline Kennedy – mulher lindíssima nas palavras de Anselmo! – esteve presente! O inglês de Anselmo era precário, mas ele entendeu repetidas vezes Kennedy dizer: “Wonderful Duarte. Wonderful”. Abraçou-me ao final!

Certa vez, fomos recebidos em seu apartamento: bebidas e canapés preparados para a ocasião. Ele morava na cobertura do prédio onde as garças vêm dormir. Convidou-nos, marcou data e hora e às vésperas, ligou-nos para confirmar. Foi o último de vários encontros que tivemos. Do meu “amigo” Anselmo então registro: não dá para contestar fatos que a vida dele escreveu, do menino pobre que conquistou o mundo. Ao mesmo tempo, essa conquista lhe pesou como acontece, aliás, com todo artista quando sai da ribalta. São reconhecidos onde quer que vão, mas isso não resgata coisas que não voltam mais, daí muitas mágoas. Vimos uma garça retardatária e sozinha chegando; podia muito bem ser Anselmo vindo da boêmia!

Terezinhaaaa!...

Francisco Carlos Garcia

Cadeira no. 13

Patrono – Monteiro Lobato

*“Comunicação é o que o outro entende e não o que você diz”
(Robert Green)*

Comparando com outra época, os jovens de hoje vivem paradoxos. Por exemplo: têm dificuldades de encontrar o primeiro emprego, mas tem facilidades de informação ou descompromissos emocionais antes impensáveis. No meio dos dois, temos “homens coluna do meio” de 30, 40 ou mais, que insistem em viver como se tivessem 15 ou 20! Moram com os pais, usam piercing, fazem rabinho no cabelo ignorando que o volume já não é mais o mesmo há algum tempo. Dizem que querem mais é curtir a vida! Pois esse grupo, que também é paradoxal, não é o mote da minha reflexão!

Afinal, o que caracteriza um jovem? Veja algumas perguntas: quando você entendeu o mundo estávamos na era da informática? Celular já era realidade? Os carros já eram bicombustíveis? Tinham injeção eletrônica? Por outro lado: você conheceu e viveu a época da inflação maluca? Os aparelhos de tv não tinham controle remoto? Ouviu Long Play’s em vitrolas ou sonatas? Se a resposta foi SIM às primeiras e NÃO às últimas, voce é jovem sim! Espiritual e cronologicamente!

Fiz essa introdução para comentar sobre alguém que, muitos jovens do SIM acima podem até ter ouvido falar, mas nunca viram atuando: Abelardo Barbosa, o Chacrinha! Com atitudes politicamente incorretas, irreverentes, apesar do escracho - ou talvez devido a ele - tornou-se referência como comunicador. Seus programas em várias emissoras de televisão eram tanto líderes de audiência como uma orgia, uma Babilônia que encarnava uma de suas máximas: *“eu vim para confundir e não para explicar!”* Neles apresentavam-se cantores de sucesso, calouros sonhando com a fama ou tipos que simplesmente gostavam da farra! E ele – Chacrinha - conduzia tudo num assumido papel de bobo da corte. Palhaço como ele mesmo se intitulava!

A cada programa – e foram centenas - ele vestia uma roupa mais ridícula que outra; ao mesmo tempo usava uma indefectível buzina de charrete pendurada no pescoço. No palco, então, entre mulheres insinuantes, barulho e muita bagunça, ele fazia e falava coisas do arco da velha. Sob patrocínio (acredite!) das “Casas da Banha”, ele perguntava: *“Vocês querem bacalhaaaauuuuu”* e jogava peças inteiras na plateia! E volta e meia, tremeluzia com voz esganiçada de taquara rachada: *“Tereziinhaaaaa”!!!*

Os tempos hoje são outros mas mesmo assim me pergunto: como aquilo podia funcionar? O cara era muito esquisito. Fazia tudo na contramão do bom senso. Pior

ainda, fazia de propósito! No meio do nada ele dizia: “*Alôôô dona Mariaaa, como vai, vai bem?*” E seus programas mais e mais catalizavam enorme audiência. Deram tão certo que o nome, Chacrinha, tornou-se um fenômeno sempre lembrado quando o tema é comunicação. Um de seus bordões mais marcantes: “*quem não se comunica se trumbica!*” sintetiza o surrealismo dessa minha incompreensão: - Caramba, como aquilo podia dar certo? Segundo Aristóteles “*toda comunicação é uma tentativa de persuasão*”, ora, Chacrinha não dizia coisa alguma, como podia então persuadir quem quer que fosse? Quando muito ronronava alto com a voz de taquara rachada. E se nesse momento ele estivesse me lendo, certamente diria: “*reaaallmente!!..*”

Concluo repetindo minha surpresa: como, com tanta irreverência e escracho, ele se tornou referência de comunicador? Seu discurso – verbal e corporal - fazia pouco ou nenhum sentido. Contrariava a regra básica: “*comunicação é o que o outro entende e não o que você fala!*” Mas e daí? você pode estar me perguntando... o cara deu tão certo que você está falando nele agora! E com certeza Chacrinha concordaria com você: “*Reaaallmente!!..*”

Memória em movimento

Carolina Padreca

Cadeira 05

Patronesse - Clarice Lispector

Nas palavras mudas desta canção
Que habita somente em pensamento
O ritmo bate como um punhal
Que desconecta a coerência
E ausência a melodia
Ao invés de bailar as palavras
Emudece, faz sonambular as noites
E estafar os dias

O acúmulo de instantes
Resulta em memórias
Motivo único este
Dos dissabores mastigados
Dores maturadas e
Da alegria que permeia

Se o momento é o agora
Neste ato já não o é
De passagem dá espaço a novos mais

Invadem, se instalam e se acomodam
Sufocando a mente cansada
De quem jamais esquece
Não quer despir-se
Da essência do que se faz ser

Cada resquício
Parte significativa
Do todo inconstante e imperfeito
Da matemática torta
Que o faz único e especial
Assim como o renascimento sem morte

É dos segundos errados
E repletos do passado machucado
Que se refaz glorioso e imponente

Olhos vidrados e distantes
Permanece o corpo parado
A mente viajante
Deslizando delicadamente
Ao som da música que nunca existiu

Luíza e Josepha

Carolina Padreca

Cadeira 05

Patronesse - Clarice Lispector

Essa história contará sobre duas vidas provenientes de famílias italianas, que vieram ao Brasil em busca de novas oportunidades.

Quando criança, Luíza trabalhou na roça e só pôde cursar o primeiro ano da escola. Já Josepha não teve a mesma sorte e por isso escrever não sabia. Ambas calejaram as mãos desde cedo e casaram com senhores de nome Manuel.

Luíza e seus quatro irmãos, se mudaram para a capital e lá puderam dar continuidade à vida. Lá, conheceu pessoas, aprendeu corte e costura, participou dos bailes de carnaval e nunca saía de casa se não estivesse sobre os saltos altos. A menina, já mulher, sofreu muito, durante sua relação conjugal. Com ele teve duas filhas, trabalhava em confecção e com costura particular nas horas vagas, para ajudar na economia doméstica. Suas filhas estudaram, e mesmo após a separação – por conta do alcoolismo agressivo do marido – cresceram, constituíram novas famílias e sempre souberam dar valor a essa mãe, que conseguiu às duras penas garantir o futuro de suas pupilas. Para a época, o fato de ser “mulher separada” atraía as intrigas e as fofocas, como se ela “não prestasse”. Nunca mais se casou.

Josepha teve com Manuel, sete filhos. Se dependesse dele, somente os dois meninos teriam estudado. Após muito insistir e teimar, os sete tiveram a mesma oportunidade. A mais velha se formou e trabalhou por muitos anos na área da saúde, outras se tornaram professoras, saíram também um empresário e um advogado. O importante é que todos, mesmo que humildes, foram incentivados a aprender. O casamento de Josepha foi muito feliz. Era ela o centro das reuniões familiares, pois corria, rolava na grama e alegrava o ambiente, compartilhava todo esse amor e essa disposição jovial com seus muitos netos.

Luíza como sogra e avó foi exemplar: como sabia que os recursos eram escassos, era ela quem confeccionava os vestidos mais lindos da primeira neta, assim como fez com o genro, que na época do namoro, só uma calça possuía. Quando visitava a filha mais velha, trazia mantimentos para complementar a alimentação da família que se formava. Foi ela a responsável por criar os filhos mais velhos da sua primogênita que, enquanto trabalhava, deixava a casa e as crianças sob o olhar atento, carinhoso e, por vezes, severo de Luiza.

Ainda com os filhos pequenos, Josepha deixou claro que se o marido podia ir a festas, não faria sozinho: se quisesse ir, ela o acompanharia, pois não aceitava o fato da mulher não poder se divertir. Pouco antes do casamento do filho mais novo, chamou a nora de lado e disse: “Se algum dia ele fizer algum mal a você, conte comigo. Ele é meu filho, mas sou mulher e sei como é”, mais uma vez, à frente dos pensamentos da época. Infelizmente, Josepha deixou esse mundo de forma precipitada. Atingida por um reflexo de raio, numa noite de temporal, fez uma passagem imediata para outra dimensão. Sua ausência é sentida até hoje, pois o brilho não é mais o mesmo. É claro que seus filhos têm em memória e recordação, momentos e ensinamentos que são passados e repassados às novas gerações. Se viva, seria bisavó.

Há pouco tempo, Luíza foi preparada para a notícia de que seu último neto era homossexual. Todos ficaram apreensivos, pois não sabiam como ela reagiria. Ainda sem terminar de contar a história, que era tecida com cuidado e muitos devaneios – na intenção de não provocar qualquer tipo de estranhamento, Luiza interrompeu e disse sorrindo: “enquanto vocês estão pensando em trazer a farinha eu já preparei o bolo”. Hoje, Luiza espera sua primeira bisneta, que receberá seu nome. Filha de seu segundo neto, a menina já tira lágrimas dos olhos cansados da velha Luiza.

Durona, quando está brava cantarola a marchinha da “Jardineira” e quando nervosa, solta alguns palavrões, acompanhados de gargalhadas nervosas. Diz com orgulho que ama os netos e que a pior parte da casa é a cozinha – pois a pia nunca fica livre de louça, mesmo que seja apenas um copo.

Foi a figura dela a responsável para que eu entendesse a palavra “limite”. Foi ela também, quem lavou por diversas vezes meus cabelos, sempre cantando uma paródia da “Canoa Virou” que dizia: “Estrelinha do Céu, o que veio fazer? Eu vim lavar a cabecinha do neném”, e que mesmo já grandinha me fazia lembrar o quão bom é receber um cafuné.

Ela não esteve sempre certa, nem sempre foi dócil, mas sempre nos amou e cuidou. Sempre se preocupou e esteve lá, mesmo que à espreita, para segurarmo-nos quando, porventura, viéssemos a cair.

Sinto muito por não ter convivido com a minha avó Josepha! Sei da importância que ela teve para toda a família e sinto falta de não poder lhe fazer perguntas, pedir conselhos, rir das palhaçadas que dizem que ela fazia. Quando ela se foi, eu tinha

apenas 3 anos. Da mesma forma sinto-me privilegiada por ter podido conviver com vó Luíza, a nossa “vóca”.

Luíza e Josepha foram mulheres à frente do tempo. Foram guerreiras, mães leoas e seres humanos dignos de mentes abertas e braços de muita fibra.

Esta história não é fictícia. Os nomes dos personagens são verdadeiramente os mesmos. Somente o amor não é real, pois é tão grande e pleno, que não caberia nessas poucas linhas!

Pudicícia

Marcos Antônio Pardim

Cadeira no. 33 -

Patrono – Luiz Castellari

Apesar da mesa de trabalho dela estar atulhada de coisas, a cadeira, a esta hora, ainda estava vazia.

Ele foi até ao banheiro. Enquadrou-se no espelho. Realinou os cabelos. Ajeitou melhor a gravata. Deu uma olhada no relógio. Ainda era muito cedo. Enfiou a mão no bolso do paletó. Certificou-se de que ele estava lá mesmo. Retirou-o. Abriu. Conferiu. Letra por letra. Palavra por palavra. Ponto, vírgula e respiração. Recolocou-o no bolso e saiu.

Já de volta à sala de trabalho, deu-se com ela ainda previsivelmente vazia. Caminhou até a mesa dela. Rememorou os anos em que trabalhavam juntos. Muitos. Naquele mesmo escritório. Naquele mesma sala. Naqueles mesmas mesas.

Tirou o envelope do bolso. Depositou-o sobre a mesa dela. Olhou novamente o relógio. Ainda faltavam mais de quinze minutos para o começo do expediente. Saiu.

Meia hora depois, voltou.

Ela sorriu, feliz. Desejou-lhe um bom dia, carregado de entusiasmo. Logo ela, normalmente tão sisuda. Tão distante, intocável. O coração dele disparou. Ela argumentou o que poderia ter acontecido. Tantos anos. Tantas semanas. Tantos dias após dias. Ela nunca, jamais havia presenciado um atraso dele.

Ele sorriu, nervoso. O envelope ainda repousava por sobre a mesa dela. Aparentemente, intacto. Inviolável.

PUDICÍCIA NA VERSÃO ELA

Não fosse o inusitado encontro com a porta de sua sala de trabalho fechada, aquela manhã teria seguido o mesmo ritmo de sempre.

À mesma hora, despertaria. Acordaria o filho. Arrumaria a mesa para o café. Cuidaria para que o filho estivesse uniformemente alinhado. Para que o material escolar estivesse em ordem.

Um “script” talentosamente encenado, à risca. Sem cacoc.

Até o beijo displiscente de despedida no marido, ele ainda à mesa do café e a atenção voltada para as notícias econômicas do Diário. O ter lhe desejado um bom dia de trabalho. A resposta dele dada, quase inaudível, automática.

Deixaria o filho à escola, britanicamente pontual. Fila dupla, trânsito confuso. No estacionamento da empresa, a mesma vaga. Para o mesmo carro. O mesmo porteiro. Os mesmos sorrisos. As mesmas faltas deles.

O mesmo corredor. As mesmas salas. Os mesmos rostos. Tudo tão conhecidamente desconhecido. Tudo parecendo tão destacadamente rotineiro. E previsível.

Até deparar-se com a porta de sua sala. Não teria sido capaz de recordar quando fora a última vez, nem se vez houvera, de tê-la encontrada fechada.

Remexeria na bolsa, à procura de sua chave. Um gesto tão incomum. Era possível até nem encontrá-la, tamanha a sua inutilidade até àquela hora. Daquela manhã. Mas ela estaria lá, sim. Solitária em um chaveiro irreconhecido.

Abriria a porta.

Ter adentrado àquela sala, a esta hora, e ver a cadeira da mesa ao lado ainda vazia... Santo Deus, que quebra mais brusca na trilha sonora tão Philip Glass-Laurie Anderson de suas manhãs tão minimalisticamente iguais.

A porta aberta, um bom dia dito contidamente. O sorriso entremeado de timidez e tristeza dele como resposta. Isso, sim, teria sido uma sequência muito mais confortavelmente sem riscos. Sem perigo.

Recomposta, caminharia até a sua mesa. De uma das gavetas, tiraria coisas. Em outra, guardaria. Ligaria o computador. Certificaria alguns papéis guardados por sobre a mesa. Abriria pastas. Começaria a checar e-mails (...)

Até que seus olhos encontrassem o envelope com teu nome, antecedido de um **Para** na frente, escrito em letra de forma. Caprichada.

Não estaria selado nem colado.

Abriria. Dentro, num papel timbrado da empresa, em letras impressas, o bilhete.

Ela leria. Releria. Sem a identificação do remetente. Quando tivesse o ímpeto quase prazeroso de (re)relê-lo, ouviria vozes. Ouviria passos.

Instintivamente, o recolocaria dentro do envelope e o reconduziria para sobre a mesa. Aparentemente, intacto. Inviolável.

Ele entraria.

Mais do que em sua fala ou em seus gestos, seria o seu olhar curioso para o envelope que lhe chamaria a atenção.

Subitamente, compreenderia. Reconheceria. E, sem ainda ter-se dado totalmente à consciência, saber-se-ia consentida. Inevitavelmente.

PUDICÍCIA PARTE FINAL: O BILHETE VIOLADO

Temos cumplicidades acumuladas. Segredos silenciosos. Tenho (tem?) dor, desprezo, ânsia, não-sentido, misericórdia, algumas esperanças e libido acesa. Desejo-lhe. Há tempos. E você? Não vai consentir a mim ver seu púbis, não? Nunca?

Reflexões

Olavo Marques de Souza

Cadeira no. 04

Patrono - Rui Barbosa

Neste exato momento,
De coração contrito
Dirijo-me ao alto
Donde o poder infinito
Manda-nos as suas bênçãos
O que evolui o espírito.

À nossa querida ASLe
Rogo ajuda divina,
Aos confrades e congreiras
A clareza cristalina
Tornando-nos talentosos
Atentos à disciplina

Ao nosso presidente
Respeito e admiração,
Ex-presidente Ettore
Lá noutra dimensão
De onde muito aspira
A nossa evolução

Continuamos mui contentes
No tocante à empreitada,
A palavra pessimista
Entre nós não é usada,
Respeitamos seu valor
Em ocasião adequada

Finalizo confiante
Em nossa Academia
Saltense de Letras
A nossa filosofia
Caminha rumo ao topo
Com exemplar maestria.

Olavo Bilac, o festejado poeta

Olavo Marques de Souza

Cadeira no. 04

Patrono – Rui Barbosa

Nascimento-16 de dezembro de 1865,

Rio de Janeiro

Morte - 28 de dezembro de 1918 (53 anos),

Rio de Janeiro.

Nacionalidade - Brasileira.

Ocupação - Poeta.

Escola/tradição - Parnasianismo.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 — Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1918) foi um jornalista e poeta brasileiro, membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Criou a cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias.

Conhecido por sua atenção à literatura infantil e, principalmente, pela participação cívica, era republicano e nacionalista; também era defensor do serviço militar obrigatório. [1] Bilac escreveu a letra do Hino à Bandeira e fez oposição ao governo de Floriano Peixoto. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras, em 1896. Em 1907, foi eleito “príncipe dos poetas brasileiros”, pela revista Fon-Fon. Bilac, autor de alguns dos mais populares poemas brasileiros, é considerado o mais importante de nossos poetas parnasianos. No entanto, para o crítico João Adolfo Hansen, “o mestre do passado, do livro de poesia escrito longe do estéril turbilhão da rua, não será o mesmo mestre do presente, do jornal, a cronicar assuntos cotidianos do Rio, prontinho para intervenções de Agache e a erradicação da plebe rude, expulsa do centro para os morros”

Filho de Brás Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Delfina Belmira Gomes de Paula e neto paterno de João Martins dos Guimarães Bilac e de sua mulher Angélica Pereira da Fonseca, irmã do 1.º Visconde de Maricá e 1.º Marquês de Maricá, era considerado um aluno aplicado, conseguindo, aos 15 anos - antes, portanto, de completar a idade exigida - autorização especial de ingressar no curso de Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a gosto do pai e a contra gosto próprio, que era médico da então Guerra do Paraguai.

Começa a frequentar as aulas, mas seu trabalho da redação da Gazeta Acadêmica absorve-o mais do que a sisuda anatomia. Do mesmo modo, no tempo de colégio, deliciara-se com as viagens que os livros de Júlio Verne lhe ofereciam à fantasia. No menino e no jovem já se manifestavam as marcas de sua paixão futura: o fascínio poder criador da palavra.

Bilac não concluiu o curso de Medicina e nem o de Direito que frequentou posteriormente, em São Paulo. Bilac foi jornalista, poeta, frequentador de rodas de boêmias e literárias do Rio. Sua projeção como jornalista e poeta e seu contato com intelectuais e políticos da época conduziram-o a um cargo público: o de inspetor escolar. Teve colaboração em publicações periódicas como as revistas: Atlântida (1915-1920), Branco e Negro (1896-1898), Brasil-Portugal (1899-1914), A Imprensa (1885-1891) e A Leitura (1894-1896). Sua estreia como poeta, nos jornais cariocas, ocorreu com a publicação do soneto “Sesta de Nero” no jornal Gazeta de Notícias, em agosto de 1884. Recebeu comentários elogiosos de Artur Azevedo, precedendo dois outros sonetos seus, no Diário de Notícias. No ano de 1897, Bilac acabou perdendo o controle do seu Serpollet e o bateu contra uma árvore na Estrada da Tijuca, no Rio de Janeiro - RJ, sendo o primeiro motorista a sofrer um acidente automobilístico no Brasil.

Aos poucos profissionaliza-se: produz, além de poemas, textos publicitários, crônicas, livros escolares e poesias satíricas. Visa contar através de seus manuscritos a realidade presente na sua época. Em 1891, com a dissolução do parlamento e a posse de Floriano Peixoto, intelectuais perdem seu protetor, dr. Portela, ligado com o primeiro presidente republicano Deodoro da Fonseca. Fundado O Combate, órgão antiflorianista e a instalação do estado de sítio, Bilac é preso e passa quatro meses detido na Fortaleza da Laje, no Rio de Janeiro.

O grande amor de Bilac foi Amélia de Oliveira, irmã do poeta Alberto de Oliveira. Chegaram a ficar noivos, mas o compromisso foi desfeito por oposição de outro irmão da noiva, desconfiado de que o poeta era um homem sem futuro. Seu segundo noivado fora ainda menos duradouro, com Maria Selika, filha do violonista Francisco Pereira da Costa. Viveu só sem constituir família até o fim de seus dias. Encontra-se sepultado no Cemitério de São João Batista no Rio de Janeiro.

Escreveu diversos livros escolares, ora sozinho, ora com Coelho Neto ou com Manuel Bonfim.

Participação cívica e social

Já consagrado em 1907, o autor do Hino da Bandeira é convidado para liderar o movimento em prol do serviço militar obrigatório, já matéria de lei desde 1907, mas apenas discutido em 1915. Bilac se desdobra para convencer os jovens a se alistar.

Já no fim de sua vida, em 1917, Bilac recebe o título de professor honorário da Universidade de São Paulo. E talvez seja considerado um professor mesmo: dos contemporâneos, leitores de suas crônicas e ouvintes de sua poesia; dos que se formaram na leitura de seus livros escolares; de modo geral, dos que até hoje são enfeitiçados por seus poemas.

É como poeta que Bilac se imortalizou. Foi eleito “Príncipe dos Poetas Brasileiros” pela revista Fon-Fon em 1907. Juntamente com Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, constituindo a chamada Tríade Parnasiana. A publicação de Poesias, em 1888, rendeu-lhe a consagração.

Academia Saltense de letras

– 1º Lustrro

Daniel Gasparini

Cadeira no. 08

Patrono - Gonçalves Dias

Civismo saltense que, assim representado
Junto à Academia naturalmente assentado,
Na trilha erudita, o valor literário;
Desenvoltura e empenho num trabalho a eito
Pela busca total de um esmero perfeito
Como que a imaginar-se num belo cenário.

Ettore Liberalesso, o imortal dirigente,
Fundador emérito e primeiro presidente,
Suas ações culturais, destaques da história;
Criou o Museu, viu o sonho realizado,
O seu passamento tristemente lembrado,
No orgulho de Salto, seu nome e sua glória.

Trilhando os caminhos da nossa cultura,
O trajeto agradável da literatura,
Língua Portuguesa, herança latina;
Surgida no antanho, pelo século doze,
Última Flor do Lácio, exibindo pose,
Comparativo vivencial de ainda menina.

Neste dezesseis de junho, um lustro completado,
Cinco anos decorridos, caminho palmilhado
Felizes estamos, gloriando o momento;
Por coincidência, aniversário da cidade
Comemorado duplamente, a realidade,
No aplauso, emoção, alegria e contentamento.

O Mundo Cristão aos pés da Argentina

Daniel Gasparini

Cadeira no. 08

Patrono: Gonçalves Dias

Indubitavelmente, a escolha de um Papa latino-americano coloca em evidência e de modo especial a América do Sul, especificamente, a Argentina, no centro das atenções do catolicismo mundial. A história da Igreja nos mostra que, por vários séculos a partir do início do segundo milênio, foi governada exclusivamente por Papas italianos que se seguiram ininterruptamente. Essa hegemonia só foi quebrada em 1978 com o polonês Karol Wojtyła, guindado ao poder papal sob o título de João Paulo II, sucedendo-o o alemão Bento XVI.

Porém, desta vez, o papado transpôs o Atlântico evidenciando a nação argentina, nossa vizinha do sul. Feliz escolha, também para nós, brasileiros, de traços idênticos, latinos.

COMENTANDO:

Como é sabido, o Papa é a figura central do cristianismo católico.

Segundo a tradição, é escolhido através de votação do Colégio Cardinalício, formado pelos cardeais do mundo todo.

O cardeal argentino, arcebispo de Buenos Aires, desta vez escolhido, chama-se JORGE MARIO BERGOGLIO, sendo FRANCISCO seu nome papal adotado. Valeu.

Pela ordem direta, é o 266º Papa da história. Desses, aproximadamente 80 foram canonizados e declarados santos.

=====

PARTICULARIDADE

Neste momento, a Academia Saltense de Letras congratula-se com “los hermanos argentinos” pela feliz escolha.

Nós, da Academia, sentimo-nos felizes e honrados pela comemoração do primeiro lustro de nossa ACADEMIA na ocasião em que um cardeal do país vizinho chega ao comando maior do Estado do Vaticano.

A Biblioteca Municipal...

Genézio Migliori

Cadeira no. 10

Patrono: J. Silvestre.

Ele morava sozinho, em uma casa pequena, bem arrumada, lá pelos lados da Vila Teixeira. A casa era isolada das demais, mas tinha energia elétrica, água, esgoto, e a pintura renovada a cada ano, às vésperas das festas setembrinas. Fiquei encantado quando passei por essa casa pela primeira vez. Na sala havia uma prateleira enorme, e repleta de livros. Tanto eu como o meu amigo Antônio Sabadini ficamos parados, encantados e espantados, olhando pela janela todos aqueles livros bem arrumados naquela prateleira.

Até em cima de uma mesa havia vários livros. E aí o dono da casa apareceu, sorrindo de uma maneira que nos fez ficar à vontade olhando para os livros. Percebeu a nossa surpresa perante tantos livros. A primeira pergunta que eu fiz foi se ele havia lido todos eles. Respondeu que sim e alguns lidos mais de uma vez. E aí eu e o Antônio Sabadini resolvemos ir embora, até um tanto assustados diante do que havíamos visto. À hora do almoço perguntei ao meu pai se ele conhecia o homem dos livros?

Antes de me responder meu pai quis saber o que estava eu a fazer pelos fins da Vila Teixeira, perto do Córrego do Ajudante. Dada a devida explicação, meu pai comentou que o Dionísio era conhecido como o homem do livro, tantos eram os livros que ele tinha em sua casa. Era marceneiro e vivia sozinho com as suas obras literárias. Às vezes emprestava alguma delas para os professores que ali compareciam. Depois de duas ou três semanas, a recebia de volta.

E em outro dia, passando pela casa do homem dos livros, adquirir coragem, bati na porta, esperei um tempo e ela se abriu. Lá estava o homem dos livros. Pediu que eu entrasse e admirasse mais de perto todos os seus livros. Meio gaguejando perguntei se ele me emprestaria um para eu ler em casa? Escolha o livro que você quiser, disse-me o homem chamado Dionísio. Escolhi, e nem sei a razão para isso, O Conde de Monte Cristo. E quando em casa cheguei com esse exemplar, meu pai quis saber como conseguira tal livro e tão bem conservado.

Dada a devida explicação, meu pai quis dar uma olhada rápida naquele exemplar. Feito isso permitiu que eu o lesse. Terminada a leitura do mesmo meu pai quis ir junto devolver o livro. E lá fomos nós à casa do homem dos livros. Os dois conversaram e mais uma vez me foi permitido emprestar outro livro: O Corcunda de Notre Dame, cujo filme, feito anos mais tarde, assisti duas vezes com o mesmo encantamento da leitura do livro, que me tinha sido emprestado muitos anos antes.

Em determinado dia chego à casa do homem dos muitos livros e um vizinho saiu para dizer que ele havia se mudado para outra cidade, a fim de ficar mais perto do filho. Voltei

entristecido, pois nunca mais teria livros à vontade para ler. E comecei a insistir com meu pai para ele me arrumar livros. Não podia ficar sem ler os romances que me encantavam e faziam a minha imaginação viajar no tempo. E de vez em quando meu pai aparecia com um livro, dizendo tê-lo trazido do sindicato. E sempre fiquei com disposição para leitura, chegando a comprar livros, dentro da minha possibilidade financeira. E quando o programa de governo da “Frente Operária” foi elaborado, não deixei de incluir no mesmo a instalação de uma biblioteca pública em nossa cidade. E anos mais tarde, na primeira oportunidade, foi ela instalada no prédio da Câmara Municipal, em seu piso superior.

E no dia de sua inauguração senti alegria igual à que sentira com a vitória eleitoral da “Frente Operária”.

Finalmente, Salto tinha a sua biblioteca pública para alimentar a fome do saber das pessoas interessadas em ler os seus livros. A “Frente Operária” cumpria mais um item do seu programa de governo, enquanto eu realizava o acalentado sonho de dotar Salto de uma biblioteca municipal. E para continuidade dessa grande alegria, a Academia Saltense de Letras (ASLe) agora está alojada no prédio dessa importante biblioteca. Agradeço a Deus por isso...

O Ettore na Comissão de Nomenclatura...

Genézio Migliori

Cadeira no. 10

Patrono: J. Silvestre.

Conheci o Ettore Liberalesso quando comecei a trabalhar na Brasital. Passava pela portaria da fábrica para assinar o ponto. Limitava-se a dizer bom dia e boa tarde, nada mais. Os anos foram passando e o distanciamento entre nós perdurava, talvez pela diferença de idade. Começamos a nos encontrar e a falar nas reuniões da Associação Atlética Saltense, cuja presidência era sempre muito disputada. Houve um distanciamento novamente quando comecei a colaborar com o jornal “O Liberal”. O Ettore era colaborador eficiente no jornal “O Trabalhador”, órgão ligado à paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat.

Muitos anos depois, quando na prefeitura, e a fim de livrar o prefeito Jesuino Ruy de pessoas querendo que ele desse os nomes de parentes às ruas dos novos loteamentos, sugeri a criação de uma comissão de nomenclatura das vias públicas saltenses. O prefeito concordou com a criação dessa comissão e me incumbiu de convidar pessoas para comporem a mesma. Convidei os demais membros e o Ettore para o trabalho de nominar as ruas de Salto. Não tinha como imaginar que o Ettore fosse tão eficiente e dedicado ao trabalho dessa comissão.

Não demorou muito para que os demais componentes da comissão de nomenclatura decidissem colocar o Ettore para presidente da mesma. A sua dedicação tornou-se exemplar. Fazia pesquisas dos nomes indo até à biblioteca e dali retirando cópias das biografias dos que seriam homenageados. E como bom católico apostólico romano, ficava com os olhos brilhantes quando sugeria nomes de santos para nominarem as vias públicas e os demais membros da comissão concordavam.

E ele começou a ir até minha casa, comentando os mais diversos assuntos da cidade. Por minha vez, também aparecia em sua casa com a maior assiduidade possível, quando ele não se furtava ao prazer de mostrar os trabalhos que havia feito, aguardando a ordem cronológica para publicação no jornal. Quando não deixava de mostrar-me levantamentos históricos sobre a cidade, realizados sempre com o maior carinho e fidelidade.

E quando colaborou na criação do museu saltense, vinha à minha casa para dizer, com uma ponta de orgulho, o trabalho que fizera durante a semana. E posso afirmar sem o receio de qualquer dúvida que o Ettore, em todos os trabalhos que realizou em favor da cidade, sempre o fez com o grande amor que sentia por Salto. Era um saltense apaixonado pela sua cidade. Foi meu amigo querido durante décadas, mesmo quando discutíamos em cima do nosso antagonismo de ideias.

E quando foi até minha casa para convidar-me a ser membro da Academia Saltense de Letras, recebeu uma resposta negativa, e sorriu! Respondeu-me dizendo que já sabia que a essa seria a minha resposta, mas que como seu amigo não poderia deixar de fazer parte da academia, praticamente exigindo a minha concordância. E depois de uma pequena discussão, entremeada de café, resolvi aceitar tão honroso convite. Penso ser difícil encontrar pessoas como o Ettore, participando com a maior dedicação em todos os setores da vida saltense.

E a sua alegria quando foi procurado para lançar um livro falando de Salto, com o pagamento que seria efetuado pela sua obra, livro que foi patrocinado pela empresa saltense Arjowiggins. Chegou todo risonho à minha casa, contando que fora procurado para fazer mais um livro sobre Salto, e que receberia uma quantia em dinheiro pelo seu trabalho. Lembro-me que disse ser essa a primeira vez em sua vida que receberia algum dinheiro pelo trabalho realizado, e que iria aproveitar para comprar um terno novo, pois como presidente da ASLe tinha de se apresentar em suas reuniões solenes sempre bem vestido.

Não tenho mais visitas do Ettore à minha casa, tenho somente saudades de um amigo querido e que durante anos me serviu como exemplo de dedicação à terra saltense. E se tem alguém que merece ter uma rua com seu nome é, sem dúvida, o Ettore...

O tempo de educar

Mércia Falcini

Cadeira no. 03

Patrono – Paulo Freire

Em muitas situações, sobretudo quando as adversidades parecem não ter fim, avalio minha escolha profissional. Nessa hora, sempre penso que deveria ter optado por uma atividade profissional menos desafiadora, menos intelectual e, talvez, menos reflexiva.

Pisar o chão da escola, dia após dia, e insistir no processo educativo, mesmo quando a sociedade cultua atitudes medíocres e opostas aos valores preservados na vida escolar, significa bem mais que investir na carreira profissional: significa manter-se firme a um projeto de vida, calcado em princípios e valores de condutas.

Lembro-me de um manifesto por mim escrito há 10 anos, quando ainda acreditava em protestos e manifestos, e publicado num jornal local, expressando-me indignada com os valores deturpados de uma sociedade que valoriza Big Brother e despreza seus professores.

Apesar de não mais acreditar em manifestos, continuo acreditando na Educação como o primeiro caminho capaz de inspirar o melhoramento das relações pessoais e a estabilidade emocional. Educar é trabalhoso: requer paciência, disposição, tempo e dedicação. Por isso, angustia. O caminho é longo e demorado.

Isabel Parolin, psicopedagoga conceituada, tem investigado o tempo de educar. Recentemente, em uma conversa profissional, me contou que a falta de tempo para educar filhos e/ou alunos está no inconsciente coletivo. Em suas pesquisas, constatou que a porcentagem de pais que atribuem à vida corrida e às necessidades individuais a justificativa para não dedicarem mais tempo aos pequenos aprendizes é surpreendente. A sociedade tem pressa, e as tarefas do mundo adulto tomam todo o espaço da agenda.

É muito comum deixarmos as conversas reflexivas com os adolescentes ou as brincadeiras de infância com os pequenos para “um depois” que nunca acontece... Estamos escravizados. Corremos o tempo todo atrás do dinheiro, das informações, da segurança, das tarefas da casa, dos compromissos profissionais, enquanto nossas crianças e jovens nos olham assustados e sedentos por atenção.

Yvê De La Taille, psicólogo e professor da USP, é pesquisador do tema Moral e Ética. Em seu último estudo, perguntou a milhares de jovens o que eles pensam sobre os adultos. As respostas não foram boas. A geração herdeira do mundo adulto nos enxerga como pessoas individualistas, egoístas e consumistas.

Dessa forma, posso concluir que o sentimento que me instigou a escrever esse artigo não é reflexo da escolha profissional, mas de um tempo em que a urgência e

a pressa da sociedade têm nos devorado. Têm nos impedido de viver o tempo da descoberta, do aprendizado e do afeto.

O que fazer? Como melhorar nossas relações e dar conta de um processo educativo mais próximo ao tempo da aprendizagem?

A própria reflexão temática e a consciência contextual já nos abrem possibilidades de ações. Mas aqui, nesse espaço e tempo, a canção do Legião Urbana pode bem nos ajudar: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...”

() Educadora e Membro Fundadora da ASLe, cadeira 03/ Patrono Paulo Freire*

Sonho, mistério e realidade

Mércia Falcini

Cadeira no. 03

Patrono – Paulo Freire

As escolas brasileiras encerraram o ano letivo e, para a maioria dos pais, isso quer dizer paz e tranquilidade. Devo explicar: não é nada fácil acordar os filhos adolescentes na melhor hora do sono, para que se dediquem aos estudos. E por mais que os pais sejam responsáveis e persistentes, é demais cansativo lutar contra a natureza biológica e o interesse intelectual dos meninos adolescentes.

Compreendo perfeitamente a situação. Primeiro, porque sou mãe de filhos adolescentes; depois, porque tenho bem forte na memória o sentimento de angústia dessa mesma fase em minha vida.

Nunca fui aluna excepcional, como as citadas nos discursos dos professores em solenidades de formaturas. Posso dizer com segurança que, nos anos de colégio, fui aluna mediana, bem razoável: estudava o suficiente para garantir a média nas notas e, com isso, ficar longe das reclamações. Logo cedo aprendi a contornar o sistema de ensino e evitar dissabores, como a indesejável recuperação, que nada me proporcionava além da redução dos maravilhosos dias de férias.

Hoje, tenho convicção de que fui aluna desinteressada, jamais incapaz. Na verdade, meu interesse estava? e ainda está? nas coisas da vida, principalmente nas relações humanas. Trocava qualquer fórmula de Matemática ou tema de História por uma “fotonovela” (Será que isso ainda existe?). Eram novelas em quadrinhos com fotos reais. Passava horas estudando as palavras ditas por cada personagem, no desejo de compreender o mistério da vida adulta. Em várias ocasiões, repetia as principais cenas em frente ao espelho do meu quarto, alimentando os sonhos necessários de uma vida a conquistar.

Por muito tempo escondi a menina que fui: ela não combinava com a mulher atuante-responsável-dedicada que me fiz. Sobretudo, porque a escola foi o chão

que escolhi para construir a carreira profissional. E, cá entre nós, existe algo mais contraditório do que isso? Salvem-me, analistas de plantão!

Ocorre que a vida é mesmo bacana demais com a gente. E a menina que por tanto tempo escondi, tem mostrado sua cara na filha que gerei... E como quem recebe uma segunda chance, posso hoje revisitar uma fase tão rica e criativa, esmagada pela hipocrisia adulta.

O mundo escolar está distante da essência de vida dos adolescentes. Talvez, por isso, os alunos se mostram desligados, desinteressados, desfocados. Recentemente, soube que Franz Kafka escreveu em seu “Carta ao Pai” que a escola nada tinha lhe ensinado. Na obra, Kafka confessa que seus anos escolares foram um desperdício de tempo e dinheiro, e na fase escolar sua preocupação maior era a “afirmação espiritual da existência”, tornando todo o resto muito indiferente, inclusive os estudos.

A confissão de Kafka e a adolescência da minha filha têm me encorajado a questionar as verdades de um espaço educativo que não permite o estudo da vida, dos sentimentos, das paixões, das curiosidades. Têm também me permitido cada vez mais rever conceitos, muitos deles moralistas, sobre a nossa frágil e complexa existência: tão repleta de sonhos, mistérios e realidade.

Das novas horas

Marilena Matiuzzi

Cadeira no. 39

Patronesse – Cora Coralina

E então há tons amarelos esparramando-se como nuvem na calçada das horas antigas.

E há o silêncio crescente encobrendo vozes, palavras, gritos, frases esgarçadas pelo tempo...

E lá no alto, o desejo inovado, como um falcão peregrino, risca o céu, desenhando coloridos sonhos apontando novos caminhos.

Para lembrar Camille Claudel

Marilena Matiuzzi

Cadeira no. 39

Patronesse – Cora Coralina.

Sempre me causou impressão, encantamento e emoção a trajetória da mulher ao longo da história da humanidade. Lutas, silêncios, ternuras e força fizeram o mover de centenas de gerações.

Revendo um álbum de viagem, vi fotos que me fizeram lembrar Camille Claudel e resolvo escrever sobre ela.

Conheci a sua obra a partir da escultura *La Valse*, no Museu Rodin, em Paris, e diante da impressionante beleza e leveza da peça, me interessei por compreendê-la melhor.

Camille Claudel é o nome artístico de Camille Athanaïse Cécile Cerveaux Prosper, nascida em 8 de dezembro de 1864, na cidade francesa de Aisne. Ela era filha de Louis Prosper, um hipotecário, e Louise Athanaïse Cécile Cerveaux.

Desde pequena, Camille revelou o seu enorme talento para a escultura, tendo recebido total apoio de seu pai, que lhe pagou cursos para o aperfeiçoamento de sua arte, mas enfrentou a reprovação de sua mãe, que era contra esse tipo de investimento, porque desejava que a filha fosse educada nos moldes de educação feminina do século 19. Sua família era rica e a adolescente, apaixonada pela escultura, não desejava ficar entre rapapés, na condição de mulher passiva e obediente, à espera de um marido. Muito pelo contrário. Desde menina fugia de casa para extrair barro para suas esculturas. A sociedade francesa, preconceituosa e machista, também colocava muros à sua frente. Ela tentou passar por todos eles. Era mulher, e a escalada para a independência, naquela sociedade, se tornava ainda mais difícil.

Camille, então, com apenas 17 anos, decidiu quebrar de uma vez com os laços existentes junto à classe social da cidadezinha onde morava, Villeneuve-sur-Fère, na região de Champanhe, no sul da França e com todos os demais entraves, e, assim, rompeu com a moral vigente e com as normas de conduta bem aceitas em sua época, para se entregar furiosamente à sua arte, indo para Paris, onde viveria de modo a desenvolver o seu talento e como lhe aprofundasse.

Ao chegar a Paris, Camille se deparou com dificuldades enormes para uma jovem como ela. A escultura era uma arte prioritariamente masculina, os materiais para o seu uso eram caríssimos, como o mármore e o bronze.

Ali, então, Camille alugou um pequeno apartamento com mais duas jovens artistas inglesas e passou a ter aulas com Alfred Boucher, que apresentou o seu trabalho para o Diretor da Escola de Belas Artes, Paul Dubois. Este, ao conhecer a sua obra, enxergou semelhanças com a de Auguste Rodin, um artista que começava a despontar e que se tornou, posteriormente, um dos maiores escultores de todos os tempos.

Pouco depois, Camille Claudel tornou-se musa, assistente e amante de Rodin.

Para a época, a condição de amante era um escândalo. A união marginal atiçava os comentários. Uma jovem impetuosa e um homem rico, famoso e mais velho, convivendo sem casamento oficial. Camille, no entanto, com seu temperamento indomável, só se afastou de Rodin porque ele, após alguns anos, a rejeitou.

Alguns dizem que a rejeição ocorreu porque Rodin vivia com outra mulher (Rose Beuret), tinha um filho e não aceitava mais as crises de ciúmes de Camille. Outros, como a historiadora Monique Laurent, ex-diretora do Museu Rodin, dizem que, na verdade, Rodin usou essa situação como desculpa, quando o verdadeiro motivo era o de que havia entendido que a genialidade de Camille poderia suplantá-lo e Rodin não quis dividir o mérito de sua obra com ela. Outros acreditam que a doença mental que acometeu Camille (esquizofrenia) passou a se acentuar neste período e Rodin não suportou mais a convivência com ela. Outra corrente acredita que todas as possibilidades são verdadeiras e colaboraram para o rompimento do casal.

Penso que o fator determinante para rompimento não foi exatamente o senso de dever de Rodin para com a mulher e o filho com quem convivia oficialmente. Tratava-se, no fundo, de um embate de natureza artística entre a intuição criativa de Camille e o apuro conquistado em anos de estudo pelo escultor oficial do governo francês, Auguste Rodin.

O rompimento entre os dois deveria ser bem vindo por Camille, por ser a única saída para a sobrevivência criativa da jovem aluna que abalara de forma tão radical o universo artístico de seu mestre.

Rodin não admitia as diferenças de potencial criativo entre ele e Camille. Ela era natural e instintivamente escultura, ele havia se lapidado para tanto. Quando o artista acreditou que a sua aluna pudesse ser maior que ele e quando a artista achou que estava sendo usada pelo mestre, vieram os embates entre eles e o rompimento.

De qualquer forma, em uma época que a ciência psiquiátrica tinha pouco a oferecer, onde a mulher deveria ser submetida a determinados padrões comportamentais

para ser aceita e onde os grandes méritos eram atribuídos somente aos homens, Camille, após o rompimento não teve forças, pois se viu sozinha, sem a compreensão e ajuda de ninguém, abandonada pelo homem a quem havia se entregado de corpo e alma, sucumbiu às sutilezas do inconsciente, e, assim, sua genialidade artística sequer foi aproveitada para si e para seus familiares.

Camille Claudel era irmã de Paul Claudel, que se tornaria, mais tarde, um dos grandes escritores da França.

Dói-me pensar neste gênio, fazendo, com suas próprias mãos, inúmeras obras que Rodin assinalou como suas, sem nunca ter havido reconhecimento algum de que eram delas, nem sequer do amante que não titubeou em tirá-la de sua vida quando foi conveniente terminar o romance.

Dói-me pensar na fragilidade dessa alma feminina, que nem a sua genialidade artística conseguiu salvar.

Não se pode negar o gênio a Rodin, mas deve-se questionar o quanto de preconceito e de sua postura como inverso de mestre prejudicaram esse talento manifesto.

Camille foi pouco conhecida do público. O reconhecimento de seu talento é restrito a artistas e intelectuais, mas mesmo entre eles, à época, o seu comportamento incomum certamente assumia feições de desvario.

Quando Camille ficou só em sua dor de solidão e incompreensão, nem o irmão, Paul Claudel, que sempre a apoiou, pode lhe amparar, pois viajara para os Estados Unidos. Passou, então, a criar obsessivamente. O golpe final veio quando, durante uma exposição, não conseguiu vender nenhuma escultura. O fracasso, o álcool, e o descrédito, somados às suas muitas decepções, fizeram-na indignar-se a tal ponto que, em dado momento, destruiu as peças que havia criado. E, assim, ela acabou sendo internada como louca.

Com 36 anos de idade, uma semana após o falecimento de seu pai, Camille, que se encontrava com a saúde debilitada e sem inspiração para esculpir, foi internada à força em um hospital psiquiátrico de Paris, onde viveu amarrada e sedada a maior parte dos longos 30 anos que se sucederam, sem esculpir nenhuma peça, até a sua morte, em 19 de outubro de 1943, quando já tinha 79 anos.

Reescrevo rapidamente esta que é a história de um gênio artístico, com um sentimento de compaixão, porque inobstante os ingredientes que tornam a sua biografia fascinante aos olhares curiosos, quem conhece a obra de Camille, pode intuir que ela foi mais vítima da sociedade do que da loucura e, nisto, para muitos, infelizmente, também há um encanto hipnótico e avassalador porque, quando se analisa Claudel, o que se expõe é o prazer irresistível pela tragédia moral que ela viveu e se exalta como ponto de virtude o sofrimento dela. Mas o que importa realmente em Claudel, aliás, o que deveria importar quando se faz a revisão de sua obra, seria destacar o seu alto valor estético, sua ruptura com uma manifestação escultural adormecida e que era já, depois de certo tempo, construção oficial das formas em Rodin.

Minha inseparável amiga

Odair Schiavone

Cadeira no. 09

Patrono: José de Alencar

Ah! Imaginação! O que fazes comigo nas altas horas da noite? Sou escravo de tua vontade... instrumento do teu querer....Vens e me enche a mente!

E eu escrevo tudo o que me contas, palavra por palavra, como fiel escudeiro que duela contra o sono e depois de exausto adormece com a sensação do dever cumprido.

Tu me mostras o que ninguém pode ver, me faz sentir emoções diante do computador e me levas a viajar por caminhos jamais percorridos.

Não sei viver sem ti e sinto falta quando não vens. Tu és uma grande amiga e mentora dos meus escritos. Deixo me levar pela tua infinita sabedoria e criatividade. Assim, aos poucos, noite após noite, ouço tuas confidências e vou registrando para formar a grande mensagem que queres mandar para a humanidade.

Em forma de livro tenho teu confessionário e todos os teus segredos são guardados entre duas capas e posto à disposição de quem queira ver. Não me pedes segredos, ao contrário, queres que eu anuncie aos quatros cantos do mundo tuas ideias.

Ah! Imaginação! Nunca me deixes... Tua companhia me faz respirar e sentir a vida na sua essência. Pulsa meu coração com o sopro silencioso de tua fala.

Durante o dia conto as horas e fico ansioso pela chegada da noite, quando me encontras a tua espera, sentado diante de uma tela fria aguardando tuas ordens e teus carinhos transformados em palavras e sentenças, cujo texto vem mostrar a tua face.

E assim é minha vida de escritor sob teu comando e tua constante visita. Escreverei até quando tu quiseres. Escreverei sobre tudo o que sentires. Tua inesgotável fonte jorra em minha mente as palavras que preciso para exprimir tua mensagem.

Cada livro concluído é um ciclo da nossa amizade que se consuma. Um novo começa porque não conheces o fim e nem o parar. Temos apenas a noite por testemunha. Na infinita estrada da escrita, caminhamos lado a lado de mãos dadas, numa fantástica viagem sem volta. Nosso rastro deixado bem visível como prova de nossa parceria.

Que as pessoas possam ler meus livros e sentirem o quanto me usaste e o quanto esteve presente em minha vida. Que saibam todos os leitores que tu foste a única responsável pelas mensagens deixadas nesta Terra por este servo fiel e dedicado.

Se um dia não mais quiser aceitar tua companhia, que eu morra, pois para mais nada servirei.

O livro de capa vermelha

Odair Schiavone

Cadeira no. 09

Patrono: José de Alencar

Com apenas cinco anos de idade, todas as noites eu pedia para meu avô de 75 anos de idade, para ele me contar uma história, e me fazer dormir. Ele, então, muito carinhosamente pegava um grosso livro de capa vermelha que ficava na estante da sala, sentava na cama pertinho de mim e começava a ler uma linda história, que quase nunca eu sabia do final, pois dormia antes.

Isso se repetia todas as noites e cada vez era uma história diferente. Admirava meu avô, pois além de ler bem ele dava entonação nas palavras, fazendo com que a história parecesse ser real.

O tempo foi passando e certo dia, para a tristeza de todos, principalmente a minha, meu avô faleceu. O velório estava cheio de gente, parentes e amigos que vieram dar adeus ao meu bom vovozinho.

Com a morte dele acabaram-se as histórias, pois não tinha coragem de pedir para meus pais lerem para mim aquele livro que ficou guardado na estante por muitos anos, sem que ninguém o pegasse. À noite, quando me deitava, sempre se lembrava da sua imagem, ali ao lado de mim com o livro na mão, lendo com atenção e alegria.

Fui crescendo e comecei a estudar. Aprendi a ler, escrever, entender muita coisa, inclusive conseguia escrever algumas histórias que lembrava quando ouvia antes de dormir., mas inventava um final para elas, pois eu não me lembrava dos finais das histórias lidas por meu avô.

Depois de muito estudo, ingressei numa faculdade que ficava em uma cidade longe da minha. Só vinha para minha casa cada quinze dias. Formei-me em Letras. Tinha muita facilidade para escrever e criar estórias. Talvez por conta também da influência que tive do meu avô.

Quando acabei meus estudos, voltei para casa e comecei a trabalhar em uma escola particular dando aulas de Português. Certo dia, sentado no sofá da sala, conversando com meus pais sobre diversos assuntos, algo me lembrou meu avô e meus olhos instintivamente dirigiram-se para a estante onde ainda estava lá, intacto, o grosso livro de capa vermelha.

Não sei por que, mas me bateu uma vontade de pegar o livro e recordar algumas histórias que ele lia. Então, levantei-me e fui em direção à estante e peguei o livro. Para meu espanto, na capa estava escrito: “Receitas da vovó”. Fiquei sem entender o que estava acontecendo, abri o livro e constatei que se tratava de um livro de receitas e não de histórias.

Perguntei à minha mãe, que no caso era filha do meu avô, o que significava aqui-

lo, pois me lembrava muito bem que meu avô lia naquele livro centenas de histórias diferentes. Então, minha mãe, com os olhos marejados pela saudade, levantou-se e me abraçou dizendo: Seu avô nunca soube ler, meu filho. Ele inventava histórias para fazer você dormir. As lágrimas rolaram em meu rosto e compreendi o quanto meu avô me amava.

Nosso amanhã é hoje!

Lázaro José Piunti
Cadeira 14
Patrono – Castro Alves

Por que demoras? Tímido te pergunto.
Se da vida é breve o nosso calendário!
Falta-me a palavra de toque. O assunto
Porém tu conheces. É o meu fadário!

Queria sorver contigo o vinho do porvir
Ávido beber do teu sorriso sem demora!
E dos teus lábios um gosto lúbrico sentir
No terno beijo e fazer esquecida a hora!

De discursos à multidão eu já fui capaz
Ao povo mensagens fortes! Tão loquaz
Derramei em brasas vivas o pensamento.

No entanto, diante de ti, quedo-me silente.
Torturas nas tonturas! No silêncio fremente
Direi no gesto ávido: sejas mulher – somente!

Quem és tu? A que vens?

Lázaro José Piunti
Cadeira n.º. 14
Patrono – Castro Alves

A esperança é como um raio de sol. Basta minúsculo brilho e a vida se renova!

Mais um pouco e colherei do teu sorriso.
E o teu olhar me nutrirá!
Ao toque de tuas mãos despertará em mim o novo ser!
Quem és tu? A deusa do porvir, ou a megera do passado?
A que vens?
O meu entardecer será polvilhado de tuas sutis essências?

Ou derramarás cinzas sobre o meu espírito?
Quero-te, sensual mensageira do amor maduro!
No ritmo dos corações famintos de urgência! Sem pressa!
O que tenho a te oferecer? Além dos cabelos agrisalhados!...
Ó! Reservo-te uma alma palpitante!
E o caminhar plasmado em vivências tantas!

Algo, porém, transcende às promessas tão próprias da mocidade.
Celebraremos a orvalhada paixão no gotejar sensitivo do delírio.
Tingidas de cariciosas buscas às reentrâncias do teu eu. Feito santuário!

Confessa, ó ninfa tropical. Quem és tu? A que vens?
Quanto a mim sou o que sou! E isso é tudo!

Um quase nada de um quase tudo.

Nicodemos Rocha

Cadeira no. 26

Patrono: Sócrates

Uma quase resposta a uma quase pergunta: “Você sabe quem sou eu, tem ideia com quem está falando?”

Se tal pergunta a mim fosse dirigida, seria inevitável que reperguntasse ao questionador, se ele tem ideia da nossa insignificância cósmica e intelectual. Eu mesmo responderia por ele: “claro que não tem!...e arremataria dizendo: vamos ver se juntos descobrimos quem “és tu”. E o diálogo, ou melhor dizendo o monólogo se desenrolaria dentro da seguinte ordem:

Segundo a ONU, já somos 7 bilhões de “entes”. Esta cifra foi alcançada ainda em 2012. Habitamos um “planetinha” que se convencionou chamar de Terra e que está inserido no sistema solar que ocupa um minúsculo espaço na Via Láctea. A via Láctea por sua vez integra um universo em permanente expansão que abriga 200.000.000 duzentos bilhões de galáxias ou seria trezentos bilhões? Em função de tal amplitude numérica e da expansão permanente do universo nem vale a pena se fixar nesta ou naquela cifra. E neste universo de bilhões de galáxias, a Via Láctea é uma das menores. Então veja bem: a Terra é um dos menores planetas do sistema solar e a Via Láctea é uma das menores galáxias de um universo em permanente expansão. E dentre sete bilhões de habitantes deste “pequeno” planeta chamado Terra, estamos eu, você, bem como todos os “entes” que se abrigam neste pontinho azul perdido na imensidão deste universo cósmico. Já deu para imaginar a dimensão da matéria/espaço e o que podemos significar nesta comparação?

Pois bem, acrescente-se a isso que, o ser humano fisicamente insignificante em termos cósmicos, também é limitadíssimo em relação ao saber. E isto porque, em seu contato com o mundo exterior tem como únicos instrumentos seus sentidos, extremamente falíveis que são: a visão, audição, olfato, paladar e tato. Os animais irracionais que se guiam pelo instinto têm seus sentidos muito mais evoluídos que os nossos de “entes” racionais.

Tome-se, por exemplo, a Física que atravessa uma fase com formidáveis avanços, notadamente após a construção do gigantesco acelerador de partículas na Suíça e ainda desenvolve todo seu trabalho de pesquisa em três dimensões: Massa, Tempo e Espaço. E há fenômenos conhecidos e explorados pela Ciência, com resultados concretos já utilizados em benefício do homem que ainda não são satisfatoriamente explicados. A tecnologia empregada principalmente nas áreas da comunicação, informática e da medicina estão repletas de exemplos desta natureza que transcendem os fatores Espaço, Tempo e Massa. E há um verdadeiro exército - em torno de 3.000

peessoas - composto pelos maiores físicos até então conhecidos e pesquisadores de outras disciplinas de igual envergadura intelectual que, mesmo utilizando os mais avançados recursos tecnológicos oferecidos pelo acelerador de partículas, ainda estão à procura do Bóson de Higgs, cujo desconhecimento compromete toda teoria evolucionista e o próprio Big bang. Em suma, compromete a “materialidade da matéria”. E isto porque, de acordo com o Modelo Padrão adotado pela Física, o bóson de Higgs que alguns ousaram denominar de “Partícula de Deus”. seria o responsável por dotar de massa todas as partículas elementares que dão forma ao universo. Muitos estudiosos de renome argumentam que, a Ciência até agora tem condições de esclarecer **como os fenômenos acontecem**. Porém, a Ciência ainda não tem como responder **por que os fenômenos acontecem**. Penso que o mais conveniente seria plagiar Sócrates que, ao ser qualificado pelo Oráculo de Delphos como o homem mais sábio da Grécia, simplesmente respondeu: “Só sei que nada sei”, aforisma que comporta o reconhecimento das enormes limitações do saber humano.

A noção da grandeza do Universo, ainda hoje, não pode ser calculada com precisão. Mas especula-se que cada uma das 200.000.000.000 (duzentos bilhões) de galáxias comportem no mínimo 100.000.000.000 (cem bilhões) de estrelas e que, teoricamente, algumas delas possam formar os respectivos sistemas planetários, em moldes semelhantes ao sistema solar.

Será que Deus criou toda essa imensidão cósmica somente para que pudéssemos fazer da Terra nossa moradia? O mais lamentável é muitos dos nossos semelhantes pensarem que toda essa obra da Criação existe somente para que eles possam dela livremente desfrutar. Pois é! Tais pessoas se comportam ostensivamente como se fossem titulares de uma inteligência superior a dos seus semelhantes; como se as religiões que professam fossem as mais santificadas; como se suas indumentárias fossem as mais elegantes; como se suas ideologias fossem as mais corretas; como se seus princípios éticos fossem aqueles que mais se ajustam aos valores morais, enfim, como se fossem verdadeiros demiurgos que reinam impolutos num oceano de pessoas subservientes. Egos inflados são combustíveis que alimentam as fogueiras das vaidades e então, o calor produzido chega a pulverizar eventuais virtudes do vaidoso.

Pela quase resposta reflita: Quem sou eu?... Quem és tu?... Imagino que, perguntas assim são cabíveis em respostas aos comportamentos soberbos e egocêntricos..

O resultado da reflexão não deverá animar quem tem bom senso a (re)fazer a petulante quase pergunta: “VOCÊ SABE QUEM SOU EU, tem ideia com quem está falando?”

Educação na Finlândia: uma observação crítica quase velada

Nicodemos Rocha

Cadeira no. 26

Patrono: Sócrates

Na Finlândia, como em muitos outros países de escassos recursos naturais, a população é considerada o mais valioso dos “patrimônios”. Por tal motivo investem e muito numa Educação pública de qualidade, numa Medicina Social de vanguarda e também na alimentação, inclusive, mantendo um robusto estoque regulador de alimentos. Tais “privilégios são democratizados”, ou seja, todos tem acesso indistintamente, pois estão convictos que alimentação, saúde e assistência médica se constituem no tripé de sustentação ao desenvolvimento de qualquer sociedade organizada.

Não vejo parâmetro de comparação com o Brasil. É muito grande o distanciamento sócio/cultural, as condições físico-geográfica e principalmente tivemos uma formação histórica bem diferente da formação histórica finlandesa..

Mas de outro lado, não se deve desprezar os modelos seguidos por estes países. A começar pela valorização dos fatores alimentação, saúde e educação. Em menos de duas gerações estaremos colhendo os resultados: mais equidade na distribuição de rendas, mais consciência política, enfim cidadãos exercitando seus direitos à cidadania como agentes da História e não pacientes como até agora foram considerados.

Institucionalmente nunca notei vontade política para se investir em alimentação, saúde e educação, independente da sigla partidária que esteja no PODER. Demagogos e arrivistas de plantão não abrem mão dos currais eleitorais há muito tempo explorados.

Enquanto isso proliferam as instituições de ensino na esfera privada, da mesma forma os planos de saúde e no mesmo diapasão os especuladores de produtos alimentícios, aliás, sem dúvida nenhuma excelentes fontes de rendas. Nada contra, desde que tais produtos e serviços fossem acessíveis a todos os cidadãos. Mas não é isso que ocorre. São notórias as deficiências na área educacional e na área da saúde, instituições que neste momento histórico deveriam ser classificadas de **prioridades das prioridades**.

E apesar de tudo procura-se projetar uma imagem que transpira por todos os poros um ufanismo tão intenso que chega a ser piegas. LAMENTÁVEL!!!

Desfolhar

Anna Osta
Cadeira n.o 02

Patronesse – Rachel de Queiroz

Quando o azul do céu desbotar
E o verde das matas fenecer,
Lembre-se do meu sorriso
Emoldurado numa pele alva:
– sem a poeira do tempo que macula
e encarde a minha imagem!

Quando o luar impregnar os meus cabelos
E o viço da beleza esvanecer,
Lembre-se de quando me viu
Pela primeira vez:
– sem a nódoa dos anos borrando
e deformando o meu semblante!

Porque sempre lembrarei
Do seu olhar intenso a iluminar o caminho
Ainda que a sombra do futuro
Ofusque o homem que eu amei.

Dueto

Anna Osta
Cadeira n.o 02

Patronesse – Rachel de Queiroz

Eu partido ao meio,
Separado em ilhas
De amor,
Que divide
E fragmenta,
Rasga em pedaços,
Sedimenta em extratos

O sentimento
Que estilhaça
E reflete
O único ser que sou.

Movimento

Anna Osta
Cadeira n.o 02
Patronesse – Rachel de Queiroz

Quando penso em você,
a terra treme
pulsando seu nome.

Quando você se aproxima,
as estrelas saem de órbita
e despencam, alvoroçadas.

Quando você parte,
a vida o acompanha
e o deserto me acampa.

Clamo o seu regresso
para que o verde rebrote
e as estrelas cadentes enfeitem o céu.

Porque você é a energia que rota a terra,
em segredo,
e me translada pela vida.

Nó cego

Anna Osta
Cadeira n.o 02

Patronesse – Rachel de Queiroz

Apesar do laço,
o desgaste é comum com o tempo.
Elimine o sobrepeso
e não abuse da exceção à regra.
Evite escalada desnecessária
e cavouque pequenos túneis,
suficientes para escapes de emergência
(se descobrir uma ilha ou uma caverna,
mantenha sigilo).
Jamais esqueça a manutenção
dos equipamentos de segurança
e lembre-se de usá-los,
mesmo quando o risco for pequeno.
Afinal, pouco importa
quem chegará antes,
se o objetivo é aportar juntos.

O tempo: da Infância às Lembranças

Laíse Cristina Corti

Cadeira no. 32

Patrono: Vinícius de Moraes

É noite de domingo e amanhã completo trinta anos. Parei para pensar em como vivi todos esses anos, e não consigo concluir se vivi uma única vida ou se a transformei em várias com o passar dos anos. Certos fatos parecem muito distantes de minha vida atual e quando contados cronologicamente, nem foram tantos anos assim. Mas o tempo de criança é muito diferente da vida adulta e às vezes me pego a lembrar de situações em que o relógio parece ter parado e a ansiedade pela chegada tomado conta. Tantas professoras me deram aulas no jardim de infância, quando eu era apenas uma menininha curiosa e tagarela. Hoje, essas mesmas “tias” são colegas na sociedade e já mudaram de profissão. Estudei em colégio de freira que já deixou o hábito, o cabelo cresceu e se apaixonou. Assisti missa com padres que fizeram história na cidade e também convivi com outros que largaram o sacerdócio e foram viver suas vidas longe da Igreja. Particpei de fanfarra, ganhamos prêmios, acordamos cedo e viajamos por várias cidades em “turnê”. Hoje, parece tudo tão distante que só me convenço quando vejo registros fotográficos da época.

Tive uma infância gostosa aqui no interior de São Paulo, simples e de muita partilha, mas divertida e saborosa. Guardo lembranças muito boas do jardim de infância e do meu primário. Sou do tempo em que colégio se dividia assim, seguido de ginásio e colegial. E assumo, para mim, eles ainda são chamados assim. Os amigos que fiz nessas épocas me acompanham ainda hoje e são aqueles que mais me identifico, com histórias parecidas, conquistas divididas, decepções superadas e muitas descobertas ainda nos dias de hoje. Naquela época, São Paulo era só a capital de meu estado, e só nos encontrávamos em datas especiais, com excursão para o PlayCenter, visita ao Museu do Ipiranga, Memorial da América Latina e Instituto Butantã. Esperava meses pela próxima visita e juntava todas as minhas economias para esse dia, que terminava com uma passadinha no Shopping do meio do caminho. No dia anterior, era uma festa. Saíamos todos juntos para comprar os lanches que íamos levar e era só o motorista dar a partida no ônibus, para o cheiro de salgadinho tomar conta, juntamente com as melhores canções gritadas em coro.

Parei para pensar nos meus sonhos de criança e em como esperava chegar aos trinta. Casada talvez, uma penca de filhos, profissional renomada e de sucesso. Eram tantas as brincadeiras para descobrir com quantos anos ia me casar, quantos filhos teria, quem seria o marido e em que cidade moraria, que com o tempo fui até me acostumando com aquilo. As aulas mais chatas no Colégio tinham sempre um mesmo destino, bate papo por bilhete. E quantos bilhetes iam e vinham, até que

um dos intermediários entre mim e minha amiga não desejava mais fazer parte do transporte e, ou nos entregava para a professora, ou simplesmente não olhava para o lado e assim, sem ter como fazer meu bilhete chegar, sossegava e sorria para a professora. Brincadeiras como “stop” também eram muito utilizadas, principalmente entre uma aula e outra, quando a professora se atrasava, batendo papo com alguém nos corredores do Colégio.

Meus pais sempre trabalharam, enquanto eu era criança. Lembro-me de pedir a minha mãe a demissão de seu trabalho para ficar comigo, assim como as mães de alguns amiguinhos meus faziam, mas ela sempre muito jeitosa me explicava a sua decisão. Eu tentava entender, e no fundo, acho até que gostava daquela situação. Porque quando chegavam as férias, era muito mais divertido ter a minha mãe por trinta dias disponível para brincar comigo integralmente, me levando em todos os lugares que eu tinha vontade. Fizemos programas bem divertidos, como piquenique no extinto Parque Infantil e visitas à Cidade das Crianças, na cidade vizinha, sempre com as lancheirinhas devidamente abastecidas e muitos jogos. Aproveitava esses momentos também para ir brincar nas casas das minhas amiguinhas e até dormir por lá. Elas também vinham à minha casa, e transformávamos dias simples em verdadeiras festas.

Passsei trezes anos da minha vida desejando um cachorrinho. Talvez toda criança sonhe com isso, mas o fato é que muitas nem precisam desejar, pois já existe um na família. No meu caso, precisei me juntar às minhas duas irmãs – eu sou a do meio – para ganhar forças e convencer pai e mãe de que aquilo poderia ser uma boa. O fato é a cachorrinha chegou, proporcionou muitas alegrias durante todos esses anos que está com a gente, mas hoje, dezessete anos depois, paro para pensar e tenho a impressão de que passei mais tempo de minha vida desejando do que vivendo com ela. O anseio de criança é algo tão forte e eterno, que perdura até hoje, intacto. Vejo atualmente seu andar debilitado e suas dificuldades, comum aos animaizinhos nessa idade, e torna-se inevitável lembrar tudo que fizemos para conquistá-la. Arrisco dizer termos nos tornado pessoas bem melhores com a presença dela em casa, acho que um animal nos ensinou a ser bem mais humanos e unidos. Hoje, no fim de sua vida, é muito estranho sentir o nosso tempo ter passado em proporções tão diferentes. Logo mais ela completa o ciclo de sua vida e nós, inevitavelmente, seguiremos o nosso, buscando viver muito do que ela viveu tão ligeiramente.

Os 4 Sentidos

Rogério Carlos Lamana

Cadeira no. 24

Patrono: Carlos Drummond de Andrade

Com os meus olhos eu vejo as maravilhas que Deus fez...
Com meu olfato sinto o cheiro do ar puro que respiramos...
Com meu paladar posso sentir as delícias desta terra...
Com meu tato posso sentir todas as coisas boas da vida...
Com minha audição?

Quem me dera que um dia...
Eu pudesse ouvir...
O som da melodia..
E acabar de vez...
A solidão que afeta minha mente
Vivo 24 horas em silêncio
Apenas meus olhos veem
Os movimentos e captam o som
Imaginário em meu subconsciente
Como é a melodia...
De uma canção...
O som suave do piano...
O piar dos pássaros...
O som do trovão...
E a sua voz...
Só posso sentir...
A vida em movimentos...
E quando a noite chega...
Começo a adormecer...
E tudo em mim é silêncio...
A tristeza invade meu coração...
Por que não sei...
O que será do amanhã...
Quando fecho meus olhos...
Parece que chegou o fim...
E só quando acordo...
É que recobro
Todos meus sentimentos...

Toda minha vida...

E sei que sou feliz...

Apesar de ter apenas

4 sentidos...

TATO

PALADAR

OLFATO

VISÃO

E hoje quisera Deus, acordei...

Com vida, paz, saúde e amor...

E a falta de uma dela (audição)

Não me impede de eu ser feliz...

Rogério Carlos Lamana (Poema de um Surdo)

Salto, cidade que acolhe

Cristina Maria Salvador

Cadeira nº 20.

Patrono: José Francisco Archimedes Lammoglia

“Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”

(Antoine de Saint-Exupéry)

Refletir sobre a denominação de *Salto Cidade Acolhedora* levou-me à palavra acolhimento, que passei a ver como metáfora a partir de outra situação, quando, por ocasião de estudos na Pós Graduação na PUC /SP, como membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade – GEPI – PUC/SP, (2010), participei da elaboração de um caderno sobre tais estudos e este foi o tema escolhido.

Na ocasião, fui estimulada pela afirmação de Gauthier (2004, pg. 139), ao colocar que “interpretar é um processo que acontece entre tirar a máscara da metáfora e respeitar seu segredo”, cuja essência possibilita tornar mais rico o campo das significações compartilhadas pelos falantes ao criar sentidos imprevistos, imaginados, tanto pelo seu criador como pelo receptor ou intérprete. Tal questão levou-me à busca do sentido do acolhimento, que Fazenda (1999), define como “processo de desvelamento, tirar os véus, na retirada de camadas”, movimento de conhecer mais e melhor a situação a ser vivida, as relações a serem estabelecidas e conquistadas.

Naqueles estudos compreendi que no processo de acolhimento há sempre uma questão de enfrentamento ao novo, ao procurar estabelecer o sentimento de pertença, de aceitação, àquela situação almejada, ao estranho e diferente, ao olhar o outro para sentir-se parte dele, construindo assim um vínculo de comunicação, do ir e vir. É um abraçar o objeto a ser conquistado e ser abraçado por ele. Abraço este, que ultrapassa o físico, uma vez que nesta ação, há aceitação. Quem aceita, abraça e cuida no sentido de elevação, de querer sempre o melhor para ambos.

O momento de reflexão em que me encontro, questionamentos perseguem o meu pensar. O que há em comum entre a situação de quem busca a cidade para viver/sobreviver, na procura, dentre outras razões, de melhores condições de vida, e a minha própria, ao retornar de São Paulo após quarenta e três anos de moradia e trabalho? Cidade que acolhi e fui acolhida, em diversos grupos nos quais tive oportunidade de conviver.

Neste processo de rememoração uma resposta foi tomando corpo. Na denominação de Salto, como *cidade acolhedora*, no meu retorno para residir aqui, e, nas situações vividas anteriormente, o denominador comum é a questão do acolhimento.

Esta razão motivou-me aprofundar, ainda mais, no sentido deste vocábulo e assim dirigi-me ao Aurélio (1975), procurando significados que entrassem em sin-

tonia com experiências vividas e que se mais se relacionassem com o objeto dessa pesquisa.

Acolhimento. (S.m.) 1. ato ou efeito de acolher, recepção. 3. refúgio, abrigo, agasalho (p.27);

Acolher. (V. t. d.) 1. dar acolhida a ou agasalho a, hospedar; 2. dar acolhida a; receber.... 5. Admitir, aceitar., 7. Abrigar, agasalar. (p.27);

O acolhimento e o acolher levaram-me a fragmentar a palavra, por sentir que a parte continha o todo e, assim, aprofundar o conceito.

Colher (do lat. *Colligere*). 2. Tirar, apanhar, recolher. 4. coletar, recolher, arrecadar. 5. Acheigar, aproximar, acolher; 6. Apanhar, pegar [...] 12. apreender, perceber.; 17. Cultivar [...] 20 receber. 21. Encontrar, p.27; (p. 346-347).

A (do lat. *ad*) pref. = “aproximação”, “direção”, “aumento”, “acrescentamento”, “mudança de estado”, “transformação”, etc. (p. 1).

Mento (do lat. *mentu*) Suf. Nom. “ação ou resultado da ação”. (p.918).

O encontro do *a* como *aproximação*, *direção*, *acrescentamento*, *transformação*, foi gratificante. Se colher é uma ação de pegar, apanhar, coletar e outras tantas denominações, há um movimento de troca, do ir e vir, uma vez que ao apanhar, recebe-se algo em troca e o sentido do coletivo vem embutido na ação, pois, se colho, está implícito que alguém plantou. O produto tanto pode ser concreto, visível e palpável como uma fruta... “colher jabuticaba,...” como também, subjetivo, invisível, como no dito popular: “quem semeia vento, colhe tempestade”.

O simples acréscimo de uma vogal à palavra provoca conotações: *acolher*, *dar acolhida*, e outras tantas que poderiam ser elencadas. Ao acrescentar o sufixo *mento*, a ideia de movimento completa-lhe o sentido, e ela cresce, não só na escrita, mas principalmente em seu significado, pois, na palavra *acolhimento*, na ação de trazer para perto de si, há o convite de estabelecer um vínculo que carrega o sentido de continuidade, de comunicação.

Assim sendo, no acolhimento, há sempre uma ação recíproca de ambas as partes, aquele que busca e aquele que é buscado. Há todo um processo dialético, de diálogo, de discussões. Processo este, que necessita de estar aberto para o novo, no enfrentamento de crises e desafios do que não é visível, procurando criar possibilidade de fazer parte do mesmo universo, e para tanto, compartilhar experiências, vivências, saberes, e assim, abertura para crescer no pessoal e profissional. Em decorrência, como seres humanos inacabados, que somos, “num permanente processo social de busca” (Freire, Paulo 1996, pg. 61), poderá ocorrer todo um movimento de renovação, de transformação, de mudança. Caso de quem tanto escolhe a cidade como de quem a ela retornou, para viver.

No primeiro caso, precisa conhecê-la e no segundo ao voltar a residir em Salto, passar por todo um processo de reconhecer, de reaprender a conviver nela, uma vez que, vem acolhendo uma população de diversas cidades e Estados, inclusive de São Paulo, além de nós, saltenses, que aqui retornaram. A cidade cresceu e mudou sua fisionomia.

Nesta reflexão o encontro de que, na busca de renovação, no acolhimento há sempre uma intenção de quem procura e de quem é procurado. Há todo um movimento, pois, uma vez que, no início de cada nova situação, procura-se tornar familiar o que é estranho e nebuloso, e assim, conhecer mais e melhor. Uma vez conseguido o intento e tornado familiar o que era estranho, o que passa a ser familiar poderá tornar-se novamente estranho, se outras necessidades, interesses e intenções emergirem e assim, sucessivamente. É o que ocorre em todas as relações que se constroem. Relações que envolvem respeito, compromisso, responsabilidade, de ambas as partes

Uma vez mais sofri este processo ao ser convidada a participar da Academia Saltense de Letras – ASLe., em 2012. Neste grupo, a princípio estranho, a retirada de véus e de camadas que encobriam seus componentes, por desconhecimento de minha parte, nas relações que fomos estabelecendo, nas reflexões e discussões, o estranho passou a se tornar familiar. Ações que envolveram abertura no desvelar, desvelando-se, um abrir-se para o outro. Em pouco tempo senti que rostos, falas e registros desconhecidos tornam-se conhecidos. As pessoas deixaram de ser meras pessoas e passei a fazer parte desse universo.

Mais uma vez a consciência de que, no grupo, o processo de acolher e ser acolhido é fundamental, quando as intenções das pessoas se convergem e, nas relações estabelecidas, as retiradas de véus começam a tornar familiar o que era estranho e o estranho, familiar. Este movimento dialético estabelece vínculo de comunicação para a construção de conhecimento e assim, de renovação, transformação.

Referências Bibliográficas

Dicionário Aurélio. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. (2ª impressão). Rio de Janeiro: Nova Fronteira S.A, 1975.

Freire, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*, 17 ed. , io de Janeiro: Paz e Terra: 2001.

GAUTHIER, Jacques Zanidê. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. In: *Revista Brasileira de Educação*, Nº 25, jan/fev/mar/abr de 2004.

SALVADOR, Cristina Maria. Coordenação Pedagógica: virtude e força na constituição de parceria. In: Fazenda, Ivani (org.). *A virtude da força nas práticas interdisciplinares*. Campinas, SP: Papirus, 1999.

A importância da pergunta na desconstrução, reconstrução e construção de conhecimento.

Cristina Maria Salvador

Cadeira nº 20.

Patrono: José Francisco Archimedes Lammoglia

*“A resposta é sempre um trecho do caminho que está atrás de você.
Só uma pergunta pode apontar o caminho para frente”
(Jostein Gaarder)*

É pela pergunta em busca de respostas aos nossos questionamentos que construímos, desconstruímos e reconstruímos conhecimento. Graças às indagações que vêm sendo feitas pela humanidade e pesquisadas na/para/pela ciência, que o conhecimento se edifica e o progresso pode acontecer. Foi e é a partir das certezas, dúvidas e incertezas, que a pergunta é formulada, sempre com uma intenção do avanço do conhecer, do desvelar de opiniões.

Refletir sobre a pergunta suscita a questão: O que é perguntar? Uma resposta pode acercar-se das seguintes situações: aceitar que não se sabe sobre o assunto, e com essa atitude, mostrar que quer saber, ou até mesmo, saber mais e melhor sobre o questionado. Outra, convidar ao ouvinte ou leitor a dar uma informação, uma explicação, que solicita uma resposta. *Perguntar é a ponte para o conhecimento* (CORTELLA, 2008, p.8).

Para aprofundar tal questão, fui ao dicionário Houaiss (2008, p.2187) que trouxe inúmeras contribuições, uma verdadeira porta na compreensão de sua polissemia. Dentre elas: “1 t.d. ant. fazer pergunta(s) a; interrogar. 2 t.d. propor, pedindo solução; investigar. 3 t.i. bit. pedir, solicitar. 4..., 5int. fazer indagações, pedir esclarecimento; 6 pron. Interrogar-se a si mesmo, tentando eliminar dúvidas ou hesitações. E ainda, a Etimologia traz que tal vocábulo vem do lat. vulg. **praecunto,as,ávi,átum,áre*, alt. do lat.cl. *percontáre* ou *percontári* ‘perguntar, indagar, inquirir, informar-se de’. Neste encaminhamento, a percepção da importância da pergunta no desenvolvimento da humanidade, bem como fundamental no contexto da liberdade humana, quando foi e é permitida, e, sua origem.

A pergunta existe desde quando homens e mulheres passaram a prestar atenção no mundo em que viviam, levados pela curiosidade, pelas necessidades de sobrevivência. Imagino que questionassem a respeito de tudo que seus olhos vissem e

não fizesse parte do seu território, com intuito de conhecê-lo. Perguntas feitas não só com palavras, como também mediadas pelos diversos órgãos do sentido. Ao dirigir-se a uma nova cena ou paisagem, ou até mesmo algum animal desconhecido ou algo nunca visto, a pergunta era dos olhos; ao colocar as mãos para perceber sua temperatura, era a pergunta do tato. Perceber diferentes sons e procurar identificá-lo, conhecê-lo, a pergunta da audição; como o uso do paladar para reconhecer o sabor; do nariz para perceber o aroma, o cheiro, enfim.

Como a humanidade, a criança desde a mais tenra idade procura se apossar do mundo ao seu redor. Mesmo sem o uso da palavra, ela com os olhos, as mãos, a boca, passa a explorar, expandindo aos poucos seu universo, ampliando seus limites. Tudo o que vê e pega a tendência é levar à boca. Quando consegue transmitir suas intenções pela palavra, passa a tudo indagar. “O que é isto?”. “Pra que serve?”. Chegando à fase dos Porquês, presente em seu desenvolvimento, a curiosidade e a necessidade de perguntar aumentam, e, tudo e a todos questiona. Nem sempre o interlocutor tem uma resposta a dar. Outras vezes, o questionado deixa de responder ou oferece qualquer resposta, se esquecendo da importância de atendê-la em seu crescimento, uma vez que, é perguntando que podemos ir adiante. Deixar de responder ou criticar as perguntas feitas correm o risco de matar a curiosidade e dificultar o processo de evoluir do questionador. Rememorar que, numa atitude autoritária a pergunta é calada, impedida, enquanto na democrática ela é permitida, estimulada. Essencial na construção de conhecimento e da própria cidadania.

É conhecida a máxima de Sócrates, filósofo grego do século V a.C. *Conhece-te a ti mesmo*, num convite ao interlocutor buscar a resposta dentro de si próprio. Costumava ao iniciar uma discussão sobre um assunto com uma pergunta, que a princípio aceitava. Com perguntas e respostas, levava o interlocutor a rever e reconhecer seu desconhecimento sobre o assunto. Em seguida, continuando o diálogo, e partindo da opinião primitiva do interlocutor, construía com ele o conhecimento daquilo que se discutia. A maiêutica socrática tem por significado – a arte de fazer nascer as idéias, “dar a luz”. Verdadeiro parto na busca da verdade. Assim agindo, tal ação criava a possibilidade do surgimento de uma nova ideia, sobre o assunto em discussão.

Pensando sobre tais questões, a aprendizagem de que a primeira pergunta é para o ser que pergunta. O perguntar a si próprio, interlocutor interno, para encontrar em si mesmo uma resposta que o satisfaça, num diálogo interior. Processo este que poderá conduzir a descoberta, em cada ser, do conhecer-se para poder construir seu próprio projeto de vida de maneira consciente, uma vez que o conhecimento de si é a “*raiz de todo conhecimento*” (ESPÍRITO SANTO 1998, p.20). Diálogo este, que poderá ativar a memória, retirar o véu que encobre nossas lembranças, revelando o ser para si mesmo. Quanto mais se interiorizar, mais certezas vão se adquirindo da ignorância, da limitação, da provisoriidade dos nossos saberes.

A segunda pergunta consiste em recorrer ao outro, a um interlocutor externo, na procura de respostas as suas indagações, questionamentos, angústias. Interlocutor

externo que poderá ser desde pessoa física, como também, outras formas de registro: jornais, livros, na mídia, por exemplo.

Suero (ano, p), em seus estudos, classifica as perguntas em *intelectuais e existenciais*. A primeira que facilmente poderá ser encontrada, entre outros, nos diálogos e compêndios. São perguntas cuja intenção é a de obter informações imediatas, objetivas. Conduzem a repostas previsíveis. A segunda, as existenciais, *contemplam todos os compromissos e angústias que movem a vida. Perguntas que transcendem o homem e seus limites conceituais exigem respostas interdisciplinares*, (FAZENDA, 1988, p. 64). Respostas subjetivas. Exemplo: “Quem és tu?”, “Quem sou eu?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?”, O que é a vida?, a morte?.

Tanto as perguntas intelectuais como as existenciais podem gerar perguntas interdisciplinares partindo da busca interior, ser que se pergunta, buscar em outras áreas do conhecimento, subsídios que abasteçam o seu saber. Entendendo-se que a interdisciplinaridade é uma questão de abertura frente ao conhecimento. Do conhecimento de mim mesmo ao conhecimento da totalidade do objeto a ser pesquisado. Conhecimento este sujeito a novas investigações. É processo, é contínuo.

Bibliografia

CORTELLA, Mário Sergio. *O que é a pergunta?* Cortez Editora, São Paulo, 2008.
FAZENDA, Ivani. *Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa*. 3ª ed. Papyrus Editora, Campinas, SP, 1998.

GAARDER, Jostein. *Ei! Tem alguém aí?*. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1997.

HOUAISS, Antonio. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Editora Objetiva, RJ, 2008.

SUERO

Um dia de vip

Rose Ferrari

Cadeira no. 38

Patrono – Mário Quintana

Quem pensa no dia a dia de um jornalista, imediatamente, visualiza aquela figura falante, elétrica e bisbilhoteira, que se movimenta o tempo todo à procura de um furo de reportagem. Num paradoxo a tudo isso, conheci um repórter paraplégico que, em carne e osso, movimenta-se sobre duas rodas. Para complicar, tem também pouca mobilidade nas mãos, o que joga por terra o estereótipo do jornalista que, bloquinho e caneta em punho, anota tudo rapidamente.

Não, não se trata do glorioso Marcelo Rubens Paiva, autor de “Feliz Ano Velho”, que escreveu para importantes publicações como a revista Veja e o jornal O Estado de São Paulo. Meu Rubens Paiva ainda não chegou nesse pedaço da história... É verdade que tem apenas 24 anos, e ainda pode chegar lá.

Mesmo com suas limitações de locomoção, cursou uma universidade por quatro anos e vibrou ao receber o sonhado canudo. Três anos depois, porém, encontra-se abatido pela malograda busca por um emprego na pujante imprensa.

É natural, digo com o fim de animá-lo. Há muitas escolas de Jornalismo na região e o mercado está saturado.

Decidi contratá-lo como *free lancer* para cobertura de um evento empresarial. Foi uma comoção geral: recebi críticas, elogios, reclamações e protestos. “Você não pode deixar esse rapaz aqui. Precisa pedir para alguém vir buscá-lo”, disparou uma das participantes do evento, num misto de preocupação e indignação. “É um absurdo um menino, sozinho, numa cadeira de rodas num evento como este!”, protestou outro mais transtornado. Mas ele ficou. Meu Rubens Paiva escolhambou também a hipocrisia dos “politicamente corretos”.

Aquele 15 de agosto, porém, amanheceu diferente. Ele acordou cedo, tomou banho, pôs uma roupa de passeio e fez a barbicha rala com a ajuda da mãe. Era um dia importante: um dia de *vip*!

Encontrei-o feliz em sua cadeira, a transitar livremente pela área *vip* da festa em comemoração aos 50 anos de uma grande indústria de autopeças. Estava, finalmente, em seu lugar de direito, cercado de outros jornalistas de diversos veículos, autoridades e empresários. Convidado especial da empresa, participou do café da manhã de recepção, assistiu aos espetáculos musicais no gargarejo, aproveitou o coquetel e retomou ao táxi colocado à sua disposição o dia todo. Enfim, um dia de *vip*!

Quem sabe um dia de transição em sua carreira.

Passeio completo

Rose Ferrari
Cadeira no. 38

Patrono – Mário Quintana

É muito engraçado quando, de repente, um evento ou uma festa impõe regras de comportamento únicas para a imensa diversidade de pessoas que compõe a sociedade.

“Passeio completo” exige o convite. Os mais acostumados já sabem: homens de ternos escuros, camisas lisas e gravatas; mulheres de vestidos ou *tailleurs* em tecidos nobres, saltos altos e bolsas pequenas. É o nome da moda para o antigo traje social.

Aquele diretor da pequena indústria, que vive meio sujo de graxa, vai ter de se apurmar em terno e gravata.

Na hora H, aparece um pouco de tudo: homens bem à vontade nos Armani aos quais estão habituados, brucutus atarracados em roupas estranhas a seu mundo e até os rebeldes adeptos inveterados de mangas de camisa. Os ambientalistas são uns que não se rendem. Ah! Existem também os exóticos, normalmente artistas, que, se lhes der na telha, aparecem de gravatinha bordada à mão.

Às mesas, copos de vários tamanhos e formatos e talheres diversos também assustam. O cardápio, então, alguns preferem nem saber dos detalhes. Comem e pronto!

Fico a imaginar as razões que levam tanta gente a se sujeitar a tamanhos sacrifícios. Talvez fazer uma boa vista, demonstrar sucesso, tentar encontros difíceis em outras circunstâncias...

Ou quem sabe executar, como minha equipe, algum trabalho jornalístico.

Jornalista, aliás, é quase sempre avesso a essas “frescuras”. Conheço vários que fazem o gênero rebelde: insurgem desgrenhados, naquela baita festa chique, em suas calças jeans, camiseta surrada e tênis fedorento. Eles acham que podem...

No entanto, há organizadores xiitas que barram os malvestidos para não estragar o visual da festa. Em outros eventos, a truculência dá lugar aos olhares enviesados e aos cochichos daqui e dali. “Olha só aquele!”

Prefiro pensar como o estilista francês Pierre Cardin: “elegância é um estado de alma”. Cada um sabe - ou deveria saber com urgência - o que lhe vai na alma. Sem dizer que cada um sabe - ou deveria saber com a mesma urgência - o que lhe vai no bolso...

Joyce e Salto

Décio Zanirato Júnior
Cadeira no. 22
Patrono – Fernando Pessoa

O que o escritor irlandês James Joyce (1822-1941) e a cidade de Salto (1698-) têm em comum? Nada. Ou, melhor diria, quase nada. Joyce, cosmopolita que transitava por toda a Europa Ocidental, de Dublin (Irlanda), onde nasceu, a Zurique ((Suíça), onde morreu, provavelmente nem sabia da existência de Salto. Não muitos saltenses, igualmente, têm conhecimento dele.

James Augustine Aloysius Joyce, romancista, contista e poeta, deflagrador do modernismo na literatura de língua inglesa, é considerado um dos autores de maior relevância do século passado. Suas obras mais conhecidas são o livro de contos “Dublinenses” e os romances “Retrato do Artista Quando Jovem”, “Ulisses” e “Finnegans Wake”. Pelas inovações na estrutura e na técnica narrativa, “Ulisses” é reconhecido como um dos mais importantes romances do século XX. Escrito entre 1914 e 1921, a ação ocorre num único dia, tendo como referência personagens e incidentes da “Odisséia”, do grego Homero. Os protagonistas principais, Leopold Bloom, sua esposa Molly Bloom e seu amigo Stephen Dedalus, representam, quase em termos de paródia, seus equivalentes da obra grega, respectivamente, Odisseu (Ulisses), Penélope e Telêmaco, mas vivendo diversas situações e acontecimentos da vida em Dublin.

O surpreendente é que o dia em questão é 16 de junho, o mesmo da fundação de Salto. Coincidência? Acaso? O que teria levado o autor a escolher esse dia? Haveria algum motivo ou fato a explicar a relação entre Salto e o dia narrado em “Ulisses”? Bastante improvável. Ainda assim, procurei fazer algumas pesquisas e, também, num rasgo de audácia, decidi enfrentar a leitura do romance. Tinha em meu poder, desde 1970, uma edição de 1967, com tradução do dicionarista e acadêmico Antônio Houaiss, que nunca me encorajara a ler. Tarefa das mais desafiadoras, só ousei assumi-la como um tributo ao aniversário de fundação de Salto. A leitura de “Ulisses” é uma experiência sofrida para aqueles que, como eu, não têm a sensibilidade literária educada para acompanhar as frases e reflexões truncadas, os poemas e as citações desconexas, em latim, francês ou italiano, as imprevistas mudanças de perspectiva e estilo na narrativa, um capítulo inteiro sem uma pontuação sequer, a abundante invenção de palavras e a estonteante riqueza de detalhes, num texto que concentra ocorrências, percepções e sentimentos de um único dia em 846 páginas.

O que Salto teria a ver com isso? No que concerne à forma, ainda creio que apenas modernistas e intelectuais com cultura literária têm condições para admirar escritos como esse. Quanto ao conteúdo, com a progressão de minha leitura, auxi-

liada pela consulta a críticos familiarizados com a obra e o autor, pareceu-me poder extrair dele algo em comum. Joyce tomou como referência os diversos episódios da saga de Ulisses na “Odisséia” e os transcreveu para a realidade mundana da Dublin moderna, como a afirmar que os atos heróicos acontecem no cotidiano das relações humanas, nas suas venturas e desventuras. Para ele os valores universais realizavam-se nas experiências particulares de sua infância e juventude em Dublin. Imodestamente, pensei que Salto pudesse ser a minha Dublin. Tenho sentido que as vivências, ideias e sensações que tive ao longo da vida encontram um receptáculo nas realidades locais. O global concretiza-se no específico das relações com as pessoas e fatos da cidade, nas coisas simples e triviais, enfim, na sabedoria de aproveitar os pequenos momentos da vida.

Após essas grandiloquentes análises, é pena esclarecer que a razão que levou Joyce a escolher o dia 16 de junho para narrar as ações do romance foi das mais prosaicas. Conforme revelado por ele próprio, nesse dia, em 1904, fez sexo pela primeira vez com Nora Barnacle, sua companheira por toda a vida.

Notícia mais interessante é que no dia 16 de junho comemora-se em todo o mundo e em várias cidades brasileiras o “Bloomsday”, o dia de Bloom (o personagem central do “Ulisses”, Leopold Bloom), com apresentações musicais, teatrais e literárias. Várias dessas comemorações são realizadas em “pubs”, principalmente os de proprietários de origem irlandesa, onde, podemos supor, são regadas com muitos “pints” (caneca com pouco mais de meio litro) da melhor cerveja (Em São Paulo, nos últimos anos, parte das festividades ocorreu no “Finnegans Pub”).

Paralelamente, exorto o povo saltense a comemorar o aniversário de fundação de Salto, lembrando dessa inusitada coincidência do 16 de junho. Nesse dia, façamos um brinde à cidade com boa cerveja nacional, caso não possamos fazê-lo com uma “Guinness” irlandesa. Salve 16 de junho! Salve Salto!

Efemérides e sincronicidades

Décio Zanirato Júnior

Cadeira no. 22

Patrono – Fernando Pessoa

Comemorações de datas de eventos históricos relevantes ou de nascimentos e mortes de personalidades são costumeiras e louváveis. Ajudam a preservar a memória de valores que têm de ser reafirmados ou reconstruídos. Realimentam e atualizam nossas fabulações nostálgicas. Nestes últimos anos têm sido constantes efemérides de acontecimentos que remontam a décadas, a séculos e até a milê-

nios. Lembro-me vívida e conscientemente de muitas das ocorrências importantes dos últimos cinquenta anos e atualmente comemoradas. Cheguei até a participar marginalmente de algumas delas, o que me confere uma ostentatória autoridade de testemunha da história.

Tais lucubrações afloraram-me à mente ao considerar alguns fatos mais recentes, menos importantes mas igualmente dignos de nota. Como neófito integrante da Academia Saltense de Letras, recebi a incumbência de redigir alguns textos para a publicação comemorativa dos seus cinco anos de existência. Calouro aplicado, assumi a tarefa como uma lição de casa – lição relativamente complexa, a meu ver, pois envolvia o aniversário da Academia, coincidente com o aniversário de fundação da cidade de Salto e sobreposto a merecida homenagem a Ettore Liberalesso, seu recém-falecido Presidente fundador. Esses textos deveriam presumivelmente possuir certo teor literário, o que me remeteu ao meu escolhido Patrono na Academia, Fernando Pessoa.

Na minha percepção, todos esses ingredientes combinavam-se num conjunto significativo que anunciava a possibilidade de comemorações integradas, de efemérides originais e renovadas. A procura de relações entre eles suscitava curiosas análises. Algumas delas mostravam-se óbvias. Outras, por obscuras e misteriosas, precisavam ser investigadas. Socorri-me, então, não sei se própria ou impropriamente, do conceito de Sincronicidade, desenvolvido pelo psiquiatra e psicoterapeuta Carl Gustav Jung. O termo sincronicidade foi cunhado para caracterizar a especial coincidência de dois ou vários eventos sem relação causal entre eles, mas conectados pela significação. Jung procurava explicar coincidências significativas entre estados psíquicos com um ou vários acontecimentos, sem relação de causa e efeito, usando, portanto, uma abordagem um tanto alheia ao método científico. Senti-me, por isso, autorizado a estender a ideia ao caso presente, de forma um tanto livre e descomprometida, também tolerada pela licença literária.

Parece-me existir ligação significativa, ainda que de difícil explicação, entre alguns daqueles elementos anteriormente apontados. Por exemplo, a par do fato de que Ettore também escrevia, que outras relações existiriam entre ele e meu patrono Fernando Pessoa?

Em síntese, Ettore foi um autodidata por excelência, com intensa motivação para o aprimoramento pessoal, sede de informações e disposição para construir conhecimentos. Esse comportamento gerava condições para que transcendesse as limitações culturais da pequena cidade do interior e credenciava-o a nela desempenhar papel de destaque. Além disso, era um homem imbuído de um sentido missionário, comprometido quase que obsessivamente com uma causa. Queria conhecer a cidade e seus moradores, esmiuçar-lhes o passado e descortinar-lhes o futuro, para engrandecê-los no presente. As mesmas qualidades fui encontrá-las, coincidente e significativamente, em Fernando Pessoa. Um dos maiores escritores de língua portuguesa e com expressão na literatura mundial, era também um perfeito autodidata,

nunca completou um curso superior, e, como tal, transcendeu os limites bem mais largos de Lisboa, Portugal e África do Sul, país onde morou em parte de sua infância e adolescência. Com fervor religioso, atribuía-se uma missão superior, a ponto de abdicar de sua vida pessoal, que era fundamentalmente a de exaltar os valores da nacionalidade portuguesa e contribuir para a evolução da humanidade, sua causa mística e razão de viver.

Esse paralelismo de características marcantes, próprias de grandes homens que criam e realizam, considero um caso de sincronicidade. Do mesmo modo, Ettore e Fernando Pessoa têm a ver com a Academia Saltense de Letras, que tem a ver com o aniversário de Salto, que poderia ter algo a ver com a literatura. Ao desenvolver toda essa análise, surpreendí-me com uma descoberta. Em 11 de junho de 2011, o Taperá publicou uma crônica minha denominada “Joyce e Salto”, rematado exemplo de sincronicidade, como vim posteriormente a verificar. Isso porque James Joyce, em seu livro “Ulisses”, estabelece uma surpreendente relação com Salto. Essa crônica, pela oportunidade e adequação, é reproduzida neste livro. Por derradeiro, cabe apontar outra curiosa relação. É de Fernando Pessoa um poema intitulado “Ulysses”, cujo início é o antológico “O mito é o nada que é tudo”. Mitos também poderiam ser os personagens destas interligadas efemérides, a quem homenageio e saúdo. Salve a Academia! Salve Ettore! Salve Fernando Pessoa!

Ajuda externa

João Carlos Milioni
Cadeira no. 21
Patrono - Guimarães Rosa

Numa tarde de sábado como de costume fui até o clube para participar das tradicionais horas de lazer, jogando bochas com os amigos.

Eram horas agradáveis porque sempre tinha alguém com uma piada nova pra contar, os amigos eram quase sempre os mesmos e todos sempre bem resolvidos tratavam aquilo como uma terapia. Havia ali uma mística que pairava no ar que parecia envolver todos numa energia que só permitia bons fluídos. A conclusão disso era que todos que ali chegavam após o almoço, acabavam saindo ao entardecer, aliviados com a sensação de felicidade que aqueles momentos traziam. Era simples, natural e tranquilo. Ninguém queria competir. Apenas divertir, fosse errando ou acertando as jogadas do bocha.

Até que num daqueles sábados, um dos meus amigos me disse contente que havia acabado de defender sua tese de doutorado e com êxito havia sido aprovado por unanimidade.

Aproveitei para parabenizá-lo e perguntei qual era o tema ou conteúdo de sua defesa de doutorado. Mais feliz ainda, ele me disse que havia lançado a defesa de sua tese naquilo que não tem explicação lógica e muito menos base científica para coleta de dados mensuráveis.

E então, com um vigor impressionante em cada uma de suas palavras, disse ter certeza que na verdade nós, não somos nós, somos apenas espíritos que se utilizam de um corpo para se manifestar das mais variadas maneiras. Num tom ainda mais eufórico, repetiu para mim os pilares de sua defesa onde afirmava que todos os seres vivos desse planeta recebem algum tipo de ajuda “externa” nas horas mais extremas. Essa ajuda seria uma extensão espiritual que nos liga a outro mundo, outros planos de vida e que, portanto não podemos ver ou compreender, mas que acontecem diariamente.

Ainda segundo sua teoria, discorreu sobre vários casos verídicos onde num momento de extrema aflição alguém havia superado uma meta inalcançável, escapado de um acidente terrível, ou então conseguido um resultado jamais sonhado, num determinado instante de alguma modalidade esportiva. Por fim, relatou ainda uma série de fatos onde a incidência de alguma coisa muito além do previsto, ou imaginado, havia acontecido. Para finalizar, me disse enfaticamente que ao olharmos no espelho, o que vemos não é exatamente o reflexo da nossa imagem e sim da estrutura material utilizada por um ser de outro plano que naquele momento está dentro de você. Conclusão! Quase desandei ao tentar achar a lógica matemática daquilo tudo.

Simplesmente acabei ficando perplexo com a maneira que ele achou para afirmar tanta coisa de uma forma tão convicta, que no meu entender não deveriam passar de suposições.

Naquela tarde saí de lá com a cabeça quente pensando nos casos que havia escutado. Sempre achei complicado tentar entender o que existe no plano espiritual e depois daquela conversa me senti mais frágil. Não deu outra. Aquilo mexeu comigo. Será que esse sentimento de fragilidade na verdade era um lado meu que se mostrava altamente influenciável?

Até porque, confesso que sempre senti medo de procurar o desconhecido que no fundo eu penso que de certa forma existe e faz parte desse mundo. Então, tomei uma dose de coragem que na verdade eu já não sabia se era minha ou de “alguém” que estava me ajudando, e cheio de receios procurei mais informações sobre o assunto. Tentei chegar o mais fundo possível mesmo sabendo das minhas traumáticas limitações.

Resultado disso tudo: Diz o ditado que quanto mais se adquire conhecimento, mais indagações surgem e mais céticos ficamos. Mas será isso verdade mesmo? Fiquei cético ou sensitivo?

E esse pequeno texto, fui eu mesmo quem escreveu? Melhor parar antes de pirar!

Eu também tenho um sonho

João Carlos Milioni

Cadeira no. 21

Patrono - Guimarães Rosa

No mês de março deste ano, fez meio século, ou seja, cinquenta anos que houve a famosa passeata liderada pelo pastor e ativista político, Martin Luther King Jr., em Washington, nos Estados Unidos da América.

A causa daquele senhor era muito nobre. Ele lutava por direitos iguais para todas as raças ou etnias, através da não violência e do amor ao próximo. Conclamava a sociedade americana para uma nova visão mundial onde todos pudessem ter uma vida digna. Rechaçava as ideias e o histórico passado daqueles que defendiam ou que achassem normal o racismo e o preconceito declarado por parte dos cidadãos daquele país. Sua frase célebre no discurso que proferiu para milhares de pessoas foi: “I have a dream”, Eu tenho um sonho.

Martin Luther King Jr., conseguiu seu intento, que era deixar gravado na mente das pessoas o sonho americano de prosperidade, fraternidade e igualdade através daquela frase.

Coincidentemente também faz quase meio século que o nosso Rio Tietê passou a ser bombardeado por uma carga brutal de poluentes que deixou suas

águas escuras e mal cheirosas, ferindo sua beleza, seus encantos, sua força e sua vida.

Lá na América, poucos anos depois, já defendendo a imediata interrupção da bárbara guerra com o Vietnã, o Prêmio Nobel da Paz, Sr. Martin Luther King Jr., foi assassinado pelo resquício de ódio que causava em parte da sociedade americana. Mas aí já era tarde. Suas ideias e seus valores já haviam sido assimilados pelo povo. As ideias se transformaram em ideais.

Por outro lado, aqui ninguém fez qualquer defesa pública, ninguém morreu ou pelo menos de desgastou para defender a vida de um rio que dá vida a todo o Estado de São Paulo.

Não tenho a menor intenção e nem posso comparar tais causas, mas com certeza eu gostaria assim como fez o Sr. Martin Luther King Jr., de transformar ideias em ideais, e colocá-las em uso para a causa que considero muito nobre que é a de ressuscitar o nosso Rio Tietê.

Eu também tenho um sonho! Sonho em ver nosso Rio Tietê limpo e cheio de vida novamente. Sonho em poder pescar em suas margens. Sonho em poder ver peixes, muitos peixes, saltando entre suas pedras. Sonho em ver as revoadas de taperás que em suas margens vinham procriar todos os anos. Sonho em ver os passeios de barcos por águas limpas e transparentes. Sonho com a força da nossa cachoeira, com o estrondo de sua queda, com o arco-íris por entre suas brumas extensas sobre as pedras.

Não tenho a intenção de comparar tais causas ou sonhos. Apenas quero de volta o que nos foi tirado. Quero de volta o reconhecimento e a devida importância que esse tema merece.

Não precisamos punir ninguém por isso. Mas precisamos de uma nova consciência e de atitudes organizadas que tragam resultados eficazes.

Tenho certeza que não falo só por mim. Quem não haveria de querer nosso rio de volta?

Meu avô alfaiate

Élton Frias Zanoni
Membro Correspondente da ASLe
Florianópolis - Santa Catarina

Depois que as pessoas morrem, quase sempre a memória que se tem delas recebe um impacto positivo. De certa forma passamos a enxergar a realidade vivida de forma parcial, distorcendo-a e fazendo seleções, deliberadas ou não. Contudo, isso não deixa de ser parte da realidade. Pensando nisso e por conta da data, resolvi escrever um pouco sobre as memórias que tenho de meu falecido avô Joaquim, um alfaiate, que se foi há um ano.

Embora hoje eu não viva mais em Salto, sempre que estiver em minha terra natal e transitar pelas imediações da Praça XV de Novembro ou pela Rua Rui Barbosa, será inevitável procurar, quase que mecanicamente, por aquela figura magra e de cabeça branca. Afinal, em seus últimos anos, era esse o espaço de trânsito do velho alfaiate. Antes disso, quando eu ainda era garoto, passar por sua alfaiataria – que era também a sua residência, lá no final da já citada rua – era hábito espiar pela janela para ver sua cabeça já de cabelos brancos (como sempre foi para mim) com os olhos atentos na máquina de costura, trabalhando. Essa mesma máquina, muito antiga, hoje é minha. Dado meu gosto por coisas antigas, disse-me pouco antes de falecer que queria que eu ficasse com ela. Guardo-a com carinho e reverência, como uma pequena herança.

Mas são as lembranças dele enquanto eu era criança que mais me vêm à memória. Como esquecer as pescarias no rio Buru, no sítio de meu outro avô, das quais ele sempre participava? Era um programa muito aguardado e para o dia todo. Aquele senhor tornava-se nessas ocasiões extremamente divertido e alegre. Sempre cantarolava no caminho para o sítio, pelas estradas tortuosas e poeirentas do Buru, principalmente para brincar com meu irmão, que era mais próximo dele, acredito. Ainda hoje lembramos das letras daquelas canções que mal sabemos de onde saíam – se eram invenções dele ou se tinha ouvido em algum lugar, em tempos remotos. E como ele gostava de pescar! Soube muito depois que isso era vício antigo, que chegava a fazer longas caminhadas em busca de uma lagoa em Mairinque, onde residiu por alguns anos, arrastando toda a família consigo. Outro vício dele era fumar, embora o tenha abandonado, duas décadas antes de falecer. Ainda assim recordo-me da figura austera que tinha a sua poltrona sempre reservada na sala, ladeada por um cinzeiro metálico, com pedestal, peça muito antiga e pela qual procurei em vão por sua casa, depois que faleceu. Dessa mesma época lembro-me de outro hábito dele, que sempre achei extremamente curioso: o de jogar paciência depois do trabalho e, antes, enrolar um cigarro de palha com fumo de corda. Todos os apetrechos desse pequeno

ritual eram guardados numa lata que eu sempre remexia quando visitava a casa de meus avós.

Quero ter para mim que foi o melhor alfaiate que Salto já teve, e alguns contemporâneos seus até que dizem isso não está de todo errado. Ainda me servem as duas calças que confeccionou para mim, há alguns anos. Difícilmente vou me livrar delas. À época em que as encomendei, sequer era necessário eu tê-las. Mas ciente de que não seria por muito tempo que o velho alfaiate ainda teria forças e ânimo para continuar costurando, passei por sua casa e levei-o comigo até a loja Coltro, na Rua Rio Branco, para comprar tecidos da melhor qualidade. Escolhi as cores, ele examinou os tecidos, e levamos os dois cortes. Em uma semana as calças estavam prontas. Não tenho certeza, mas acho que foram as últimas peças que ele costurou, pois pouco tempo depois me disse que tinha dado algumas réguas e outros instrumentos de alfaiate para um de seus irmãos, que ainda hoje milita no ofício.

E esse ofício de alfaiate era algo muito tradicional na família. Júlio de Aguiar Frias, seu pai e meu bisavô, também tinha sido alfaiate em Salto, por toda uma vida. Segundo me contou uma vez, seu pai tinha aprendido o ofício com o italiano Santo Lelli, pai de Josepha Lelli, com quem meu bisavô Júlio acabou se casando. Assim, meu bisavô, que aprendeu o ofício com meu trisavô, passou os ensinamentos ao meu avô. Em que pese o lado materno ser todo italiano, meu avô tinha um nome essencialmente português: Joaquim Manoel Frias.

As memórias dos tempos mais recentes trazem um desfile de aniversário da cidade de Salto, em que um dos carros – elaborado pelo colégio no qual eu era professor – homenageou os antigos alfaiates. Foi um pouco difícil convencê-lo a participar, mas participou. E tenho a certeza de que se sentiu grato. Nesses últimos anos, quando passei a publicar um texto ou outro nos jornais, tinha nele um fiel leitor. Aliás, era ele um leitor por hábito. E tinha uma caligrafia invejável, aquela da Escola Anita, que os saltenses mais antigos bem conhecem. Guardo comigo como lembrança uma cópia do *Responsório de Santo Antônio*, na letra dele. E a esperança de que esteja em paz e fazendo algo que goste, onde estiver.

Vigia é seu ofício

Élton Frias Zanoni
Membro Correspondente da ASLe
Florianópolis - Santa Catarina.

Vigia é seu ofício. Talvez se aposente nele. Antes, houve outros. Disse-me certa vez que nasceu numa fazenda. Deve ter vivido lá por uns 18 ou 20 anos, pois foi

onde conheceu a esposa e se casou. Aliás, ele a conhecia desde a infância. Seus pais e os dela eram colonos nas terras de um mesmo mandatário do oeste paulista, lá pelos lados de Marília. Na rotina diária do campo, sempre a avistava. Crescidos, se casaram.

A infância não transcorreu calma. Certa vez me justificou sua baixa escolaridade alegando burrice. Justificou a burrice pelas cajadadas que com frequência seu pai lhe distribuía. Seis quilômetros pra ir, seis pra voltar. Era a distância da escola. Trabalhando tarde afora, não podia chegar em casa antes de o sol cair. Se assim o fizesse era castigado. Doía mas passava. O cansaço era mais doloroso, às vezes.

Mataram seu pai pelas costas. Punhalada. O assassino era um parente, acho que um primo do pai. Tudo ocorreu numa estrada de terra, nas imediações da propriedade em que viviam. Vinha seu pai a cavalo, e o primo, alcoolizado, nas imediações da casa na qual morava, proferiu algo indecoroso. O pai para. Não desce do cavalo. Tenta conversar. Havia algo mal resolvido entre os dois. Parentes viam tudo à distância. Os arreios do cavalo – um garanhão – são puxados pelo primo a ponto de quebrar a mandíbula do animal. O pai desce do cavalo. Dá as costas ao rapaz. Leva o golpe fatal.

Casado, ele vai para a cidade em que hoje vive. Os pais de sua mulher estavam no Paraná, tentando a sorte na nova fronteira agrícola que se abria. Contudo, as coisas não iam bem para eles. Convida-os para virem morar junto dele e da filha. Esta cidade podia bem lhes servir. Sua sogra é quem primeiro arruma trabalho: dona Maria se emprega na escola das madres. Lá permaneceria por trinta anos. A filha, sua mulher, também ficaria lá por algum tempo. Seu sogro torna-se taxista. Hoje lhe demonstra gratidão e apreço, considerando-o responsável por sua fixação nesta terra generosa.

Ele já foi pedreiro, pintor de paredes, lixeiro *tapa-buraco* e, finalmente, vigia. Um amigo lhe encaixou. Tudo feito com muita seriedade, o que lhe rendeu uma casa própria, meio-lote. A garagem fez há pouco. Ainda deve ao banco, mas logo termina de pagar. De ônibus, a casa dista meia hora do local de trabalho. De bicicleta é mais demorado, e não tem mais confiança depois do acidente. Da morte escapou por pouco, e um pouco surdo de um ouvido ficou.

Foi durante sua recuperação que a esposa saiu de casa pela primeira vez. Ela voltou. Houve ainda outra, na qual deixou bilhete – que me mostrou um dia –, e mais outra. Esta também teve bilhete, mas não teve volta. O próprio sogro lhe disse na primeira vez que não ia dar mais certo. Agora, não quer mais vê-la nem pintada de ouro, diz. O homem, religioso, prefere ver ao diabo que a ela! Três filhas, cinco netos, se não me engano. Casa própria. Vai ter que dividir a casa agora. Dividir com ela, na Justiça.

A cachorrinha lhe espera no portão. Já tem a penugem branca, deve ter uns 10 anos ou mais. Alegria-se ao ver o dono. Ele tem dificuldades em sair do carro. Agra-

dece a carona. Agradece mais uma vez. Desde ontem está com uma forte dor nas costas, que repuxa dos ombros às coxas, segundo relata. O médico disse: ele jamais seria o mesmo depois daquele esforço. Quando trabalhou na construção da piscina do clube, carregando aqueles tubos, foi quando tudo começou. Mas ele falou ao encarregado que estavam em poucos homens naquele dia... não dava pra carregar tanto peso!

Nota: Crônica finalista do Mapa Cultural Paulista de 2007.

DEPOIMENTOS



ETTORE LIBERALESSO

O Ettore que eu conheci...

Antônio Oirmes Ferrari

Cadeira no. 07

Patrono – Machado de Assis

*“Mais servira, se não fora para tão grande amor tão curta a vida”
(Camões)*

– Desde muito menino, já externara seu espírito caritativo e vivos pendores para as letras. Diariamente, por três horas, ia à casa de um senhor cego, a fim de ler para ele todo o jornal “O Estado de São Paulo”. Sua voz infantil apresentava àquele senhor - privado da visão -quase todo o conteúdo do histórico “Estadão”: noticiário do Brasil e do mundo, crônicas, páginas literárias e tudo o mais. Que maravilhoso exemplo de dedicação e carinho.

– Já adulto, além de sua exemplar família – ao lado da esposa amantíssima Virgínia e dos diletos filhos Anita e Paulo de Tarso - a tônica de seus dias fora esta cidade, que o vira nascer. Entusiasmado, incansável, do alto de seus mais de 90 anos, tinha a vivacidade e o espírito de um menino. Se o assunto fosse SALTO, de corpo e alma lá estava o “menino” Ettore, pronto para participar.

– Católico praticante, participou ativamente, em suma, de todas as atividades de sua Igreja, colaborando, o mais das vezes liderando, seja no Círculo Católico, na Sociedade de São Vicente de Paulo, no Lar Frederico Ozanam e muitas outras mais.

– Na sociedade, competente e criterioso, fora sempre o elaborador dos Estatutos de inúmeras Entidades Saltenses, não se negando jamais a atender a esta ou aquela Associação, que solicitasse os seus préstimos. Em postos diretivos, entre outras, esteve na antiga SIROS, na querida Banda onde também foi músico, no Clube Ideal, na Saltense, na Socorro Mútuo e em tantas outras, ao longo de sua existência.

– Presidindo por muitos anos a Comissão de Nomenclatura de Ruas e Logradouros Públicos, nominou com seus companheiros, criteriosamente, algumas centenas de ruas e praças de nossa cidade.

– Na imprensa, ao lado de sua esposa Virgínia, comandou por muitos anos o semanário “O Trabalhador”, participando em seguida do bissemanário “Tapará”, com a prestigiosa coluna Arquivo, verdadeiro relicário de nossa terra e nossa gente.

– Escreveu, pacientemente, com inteligência, pesquisa e tirocínio, a continuidade da História de Salto, além de outras obras, e sua festejada Autobiografia, sempre colocando em relevo esta terra onde nascera.

– Sua derradeira realização - entre tantas imperecíveis - é a ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS, seu fundador e primeiro Presidente. Neste 16 de Junho – data muito grata para nós todos - a ASLe completa cinco anos de existência, o seu primeiro Lustrro de atividades.

– No assento etéreo, temos plena convicção, Ettore ao contemplar que a sadia semente germinou, estará também nos conduzindo e nos inspirando para novas conquistas.

=====

O Ettore político

Valter Lenzi

Cadeira no. 06

Patrono: Mário Dotta

Já escrevi e já escreveram muita coisa sobre Ettore Liberalesso: o historiador, o escritor, o colaborador assíduo dos jornais locais, o funcionário da Brasital, o corretor de imóveis, o diretor de entidades, o esposo e pai dedicado, dentre outras atividades que ele exerceu. Mas não me lembro de ter lido informações mais detalhadas sobre sua passagem pela política saltense, ocupando, inclusive, o cargo de vereador. Isso despertou minha curiosidade e, apesar de conhecer alguma coisa sobre essa sua faceta, fui pesquisar.

Primeiro consultei sua autobiografia, lançada poucos dias antes do seu falecimento e no capítulo “Eu na política local”, revela que começou trabalhando na coordenação orientada pela Liga Eleitoral Católica, em 1951. Mas não conta que nas eleições desse ano ele se candidatou pela primeira vez a vereador, conseguindo 59 votos, sendo o 3º da coligação PSD-UDN e o 5º entre todos os cerca de 40 candidatos. Não se elegeu, mas assumiu o cargo, em virtude de licença de eleitos por seu partido (naquela época, como não havia remuneração, as licenças eram constantes). Teve, então, oportunidade de apresentar um projeto de lei, que adotava o sistema de numeração das vias públicas da cidade, por metro linear. Numa segunda eleição, em 1955, sua votação foi maior: 124, ainda pelo PSD, constituindo-se no 4º do seu partido e 8º entre todos os candidatos. Também não foi eleito, mas assumiu novamente, num período de muitas desavenças entre os integrantes do Legislativo e os do Executivo, que representavam duas correntes políticas: a comandada pelo prefeito Vicente Scivittaro (Chinchino) e a que tinha como líder o deputado Archimedes Lammoglia.

Ettore, membro da segunda, sempre foi fiel ao partido em que militava,

nunca deixando a mesma facção: pertenceu ao PSD, depois à Arena (após a Revolução de março de 1964), ao PDS (que sucedeu a Arena) e, com a extinção deste último, foi para o PP de Paulo Maluf, com quem rompeu há alguns anos, deixando o partido, porque ficou descontente com a destituição do diretório de Salto, que contava com a participação de companheiros seus de longa data.

Pelo fato de ser contrário à facção de Chinchino, chegou até a ser discriminado, pois era um dos principais críticos da administração desse político. Ele nos contou uma vez que tomou conhecimento alguns anos após José Maria Servilha ter rompido com Chinchino, que ambos um dia passaram de carro em frente à casa do Ettore, na Rua 23 de Maio, que tinha sido reformada, e o prefeito perguntou a Servilha se era ali que Ettore morava. Com a resposta positiva, ordenou: “Aumente o IPTU dele em 200%”, o que naquela época era possível, pois não havia uma lei que disciplinava a cobrança do imposto.

Outro fato importante na vida do político Ettore (que ele também não conta em seu livro) aconteceu por ocasião da votação indireta, que elegeu Paulo Maluf Governador do Estado. Naquela época, os delegados dos partidos é que votavam para eleger o Governador e Ettore era, ao lado de José Maria Servilha, delegado da Arena em Salto. Ambos votaram em Paulo Maluf, derrotando Laudo Natel, que era tido como favorito. Maluf visitou um a um os delegados do Partido e seu oponente Laudo Natel não o fizera. Apurados os votos, Paulo Maluf foi eleito Governador nessa eleição indireta, surpreendendo os adeptos do ex-Governador Laudo Natel. Alguns até acusaram os delegados partidários de obter vantagens materiais pelos votos dados a Maluf, mas pode-se garantir que isso não aconteceu: o único “lucro” que tiveram foi o agradecimento do candidato, que sempre lhes dispensou um tratamento pessoal especial.

Depois de muitos anos como membro dos diretórios dos partidos em que militava, Ettore se afastou definitivamente da política, no início dos anos 1990, e quem ganhou com isso foi a cidade, que passou a contar com os trabalhos mais constantes e intensos do historiador, do colaborador dos jornais e de defensor intransigente de Salto e dos saltenses. Além, evidentemente, de ter sido um dos fundadores e o primeiro presidente da Academia Saltense de Letras.



Ettore Liberalesso

Maria Damien Ignácio Pacheco

Cadeira no. 15

Patronesse - Profa. Benedita de Rezende

Na sala aconchegante do apartamento, no sétimo andar, de onde se vislumbrava através das janelas a belíssima vista da cidade espreado-se por vastos horizontes, conversávamos gostosamente o Sr. Ettore Liberalesso e eu, saboreando os deliciosos bolos de dona Virgínia.

Uma conversa interessante sobre coisas históricas de nossa cidade, antigas personalidades, fatos pitorescos, curiosidades ora engraçadas, ora tristes, retalhos da infância e da juventude, histórias de velhos amores...

Impossível não se encantar com aquela memória privilegiada, aquela simpatia, aquele bom humor contagiante, aqueles comentários inteligentes e tão bem colocados sobre os mais variados assuntos...

Nosso insigne historiador, com seus noventa anos, bem vividos, integrado profundamente na realidade saltense, participante ativo durante sua vida de associações religiosas, beneficentes e culturais, incansável batalhador do extinto jornal “O Trabalhador”, juntamente com sua esposa dona Virgínia, militante da Comissão Municipal de Nomenclatura de Ruas e Praças. Primeiro Presidente da Academia Saltense de Letras, eleito por unanimidade, nos dois primeiros mandatos: de junho de 2008 a junho de 2010 e de junho de 2010 a junho de 2012.

Foi onde tive a honra e o privilégio de uma convivência mais próxima, apesar de conhecê-lo há muito tempo, praticamente desde meados dos anos 50. Mas eram relações esporádicas, devido às colaborações de minha irmã Desdêmona para o jornal “O Trabalhador” ou os envolvimento com as apresentações teatrais do Grêmio “Santa Inês”, da Igreja Matriz.

Os livros de sua autoria, dois volumes sobre “Salto, História, Vida e Tradição”, “Salto, história de suas ruas e praças”, “Famílias Saltenses”, “As mais de mil ruas de Salto”, “Salto, sua história e sua gente” e “Autobiografia Mesclada à História”, são indelévels patrimônios da História de Salto.

Ettore Liberalesso

Gasparini Filho

Cadeira no. 12

Patrono: São Francisco de Assis

Algumas palavras apenas, para definir a grandiosidade de um ser que passou entre nós, deixando lembranças e exemplos onde, nem mesmo o próprio tempo, que de forma implacável consegue ocultar o passado, conseguirá torná-lo distante de nossas vidas.

Conheci-o há algumas décadas, quando ainda exercia suas funções na então fábrica de tecidos Brasital. Recordo-me claramente de suas atividades junto ao consórcio de veículos, bem como quando estive à frente do antigo jornal “O Trabalhador” e de inúmeros movimentos religiosos, emprestando seu talento inconfundível e capacidade ímpar; na verdade - um verdadeiro líder! Para mim, Ettore representa alguém que se foi sem ter ido, pois sua imagem estará sempre viva entre todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver ao seu lado. Seus exemplos representam sementes a germinar em solo fértil, florindo e frutificando para testemunhar que a vida tem mais sentido quando vivida em união com a família, em parceria com os amigos e em comunhão com a humanidade.

“Seu” Ettore

Francisco Carlos Garcia

Cadeira no. 13

Patrono – Monteiro Lobato

*“Feito pedra de amolar, a vida desgasta-nos ou afia-nos,
depende do material que somos feitos”
(Bernard Shaw)*

Desde pequenos fomos ensinados a respeitar os mais velhos; chamá-los de senhor ou senhora era o mínimo que devíamos fazer! Estive pensando sobre isso a partir do falecido presidente da ASLe, “seu” Ettore Liberalesso e constatei curioso que nunca consegui chamá-lo de outra forma que não de “seu”! “Seu” Ettore! Deixe-

-me explicar, não sei como é com você, mas de minha parte, caminhando firme para a casa dos 60, vejo que existem pessoas que, mesmo sendo mais velhas, fica estranho chamá-las de senhor ou senhora. Sobretudo quando elas já externaram algo do tipo “- *Por favor, senhor está no céu!*”

No caso dele fiquei buscando a razão de eu chamá-lo de “seu” Ettore. Entre outras, ocorreu-me que, à medida que envelhecemos, cronologicamente, os mais velhos, numa espécie de depreciação temporal, vão ficando mais próximos da gente. Se de crianças víamos alguém de 12, por exemplo, essa pessoa era alguém distante no tempo. Quando chegávamos aos 15 ou 20, a mesma pessoa já estava mais próxima e a diferença se reduzia a cada ano. Quando ela tiver 85, nós estaremos com 70, no mesmo barco, portanto! Em outras palavras quero dizer que respeito é mais do que quilometragem rodada. Nasce sem dúvida na diferença de idade, mas tem outros contornos, enquanto respeitamos alguns pelo que nos causam de impacto, outros continuam senhor ou senhora pelo mero respeito de ser mais velhos mesmo.

Com “seu” Ettore foi assim. Desde que passei a entender o mundo, o fator idade “muuuuuuuito” acentuado no nosso caso, ganhou relevância de outra ordem. Eu o via atuar com destaque militante em jornalismo, política ou qualquer outro. Acrescente-se que, sendo criado numa família católica praticante, em todas atividades da Igreja, lá estava “seu” Ettore, envolvido e sobretudo liderando: Círculo Católico, Lar Frederico Ozanam, sociedade isso ou aquilo. Portanto, nossa tal diferença cronológica que já enfatizei, mesmo se assim não fosse, suas atuações o colocavam numa posição de destaque que não me permitiria maior intimidade. Mais ainda, além do respeito havia também o receio, já que ele não tinha papas na língua. Que o diga, por exemplo, quem o procurou um dia fazendo *lobby* para que o nome de alguém do seu interesse se tornasse rua de um novo loteamento! Ah, essa foi outra de suas atuações: Comissão de Nomenclatura de Ruas!

E eis que, de uma hora para outra, a fonte de energia que movia “seu” Ettore arrefeceu e com isso ele mudou e como mudou, ficou mais dócil, mais doce, mais sorridente. Coisas que antes contestaria duramente, tornaram-se causas de luta. O velho receio que nos inspirava transformou de respeito para admiração. Além disso, deixar aflorar seu lado pai, avô e bisavô, antes restrito somente à família. Em resumo, sinto-me orgulhoso de poder ter compartilhado da presença do “seu” Ettore nessas duas fases da sua vida. Foi muito bom conhecê-lo, primeiro de longe e depois de perto, desse que foi um autodidata incansável, correto, prolífico e longo cidadão saltense.

Sobre Ettore e Ettérea

Carolina Padreca

Cadeira 05

Patronesse - Clarice Lispector

Escrever em poucas linhas sobre o Sr. Ettore é realmente muito difícil. Meu “avô adotivo”, como se autointitulava, foi extremamente importante para mim, principalmente a partir do momento que o conheci pessoalmente. Uma figura doce, inteligente, de memória invejável, altruísta e paternal. Esse foi Ettore de lá para cá, mesmo, vez ou outra, puxando literalmente minhas orelhas. Alguns fatos foram marcantes: quando o fiz chorar, ao cantar em sua festa de 90 anos; quando recebia suas ligações dizendo estar com saudades de sua “neta” e pedindo que fosse o visitar; quando brigava por mim na ASLe; e por me adotar, esse fato significa tanto, mas tanto, que não tenho como descrever. Na ocasião da homenagem a ele, no Verdi, após sua passagem – acredito que seja, inclusive, mais uma peça que ele me pregou – lá estava uma gatinha, sentada na porta do teatro, olhando fixamente para ele. Desde aquele dia, foi ela quem me adotou, e é claro, seu nome é Ettérea, e faz lembrar-me de meu saudoso avô diariamente. Sim, parte dele está aqui, comigo, e assim sempre será!

Ettore

Marcos Pardim

Cadeira no. 33

Patrono Luiz Castellari

Em 1987 tive a honra, o prazer e a felicidade de dividir a mesa, que compôs o lançamento dos nossos livros, evento esse ocorrido no Salão Paroquial da Igreja Matriz, e que fez parte das festividades do Aniversário da Cidade, naquele ano. Era eu bastante jovem, pouco mais de um menino, e o senhor Ettore Liberalesso me tratou, tanto por ocasião dos preparativos, como no dia dos lançamentos, de forma muito carinhosa, quase “avôternal”.

Depois disso, não foram poucas as vezes, em que o chamei de avô. Ele sorria

e parecia feliz com o tratamento por mim deferido. Anos depois, coube a ele, em um encontro fortuito no corredor de um supermercado da cidade, me convencer a ser membro da Academia Saltense de Letras. A bênção, meu eterno avô postiço!



Ettore Liberalesso

Olavo Marques de Souza

Cadeira no. 20

Patrono – Rui Barbosa

Escritor, historiador, jornalista, homem atuante, dinâmico e culto. Dono de uma inteligência notável, de caráter e de imensurável bondade.

Grande figura saltense, deixou um enorme vácuo não somente nas camadas sociais, mas principalmente nos meios culturais e históricos da cidade, bem como em nossa região.

Sendo o principal personagem da fundação da Academia Saltense de Letras, foi o primeiro presidente, tendo atuado no período de dois anos, ficando seu substituto, o professor Antônio Oirmes Ferrari, também imbuído de bons propósitos para com nossa Academia.

Como não poderia deixar de ser, saúdo e cumprimento a Família Liberalesso, tendo em vista tratar-se de respeitável prole de nosso inesquecível Ettore, cujo valor perpetuou-se diante da ASLe e população saltense, em que empregou esforços ao longo de sua vida.



Homenagem ao saudoso Ettore

Daniel Gasparini

Cadeira no.08

Patrono – Gonçalves Dias

Este ano de 2013 marca para nós da ASLe um importante acontecimento, ou seja, a comemoração do primeiro lustro de atividades da Academia Saltense de Letras.

Fundada em 16 de junho de 2008 e, por coincidência, 16 são os membros fundadores. Ainda, no dia 16 de junho, é comemorada a fundação da cidade, portanto, dia do aniversário de Salto.

Ettore Liberalesso, figura marcante na fundação da Academia e primeiro presidente eleito, foi naturalmente o insigne companheiro que, com sua experiência e carisma, assumiu a Presidência dirigindo-a com denodo e carinho nos dois primeiros mandatos. Entretanto, logo terminado o segundo, o traçado de sua vivência tomou novos rumos. Aos 92 anos e sentindo o peso da idade com a saúde abalada, aquela figura querida e admirada foi chamada à mansão celestial. Afinal, temos que nos conformar e aceitar a realidade, ou seja, a vontade da Onipotência Divina.

Seu passamento provocou uma lacuna irreparável em todos os setores da cidade, muito sentida no jornalismo, imprensa, entidades assistenciais, estudantis e muito mais.

Eminente escritor que fora ao longo de sua gloriosa carreira, lançou vários livros de grande utilidade.

Ante a irreversível realidade, resta-nos tão somente curtir a saudade e orações.

=====

Uma passagem do Ettore...

Genézio Migliori

Cadeira no. 10

Patrono: J.Silvestre.

Guerino Fossa, José Rodrigues Scanho, João Baptista Lammoglia, Ettore Liberalesso e Genézio Migliori, formaram a comissão da primeira reforma estatutária da Associação Atlética Saltense. Todos os artigos do novo estatuto eram discutidos quase à exaustão, ficando o Ettore Liberalesso como o responsável por redigir manualmente os referidos artigos. Enquanto isto fiquei o encarregado pela datilografia dos mesmos. Acontece que a caligrafia do Ettore parecia letra de médico, tão difícil era de se entender. E eu reclamava bastante nas reuniões da comissão. Até que o Ettore resolveu aceitar, bastante brabo, em escrever tudo em letras de forma. A partir daí o novo estatuto da Associação Atlética Saltense foi redigido datilograficamente mais rápido...



Ao Sr. Ettore

Mércia Falcini

Cadeira no. 03

Patrono: Paulo Freire

Escrever um depoimento sobre alguém que se admira e respeita não é tarefa fácil. Tenho certeza de que aqueles que, como eu, tiveram a grande sorte de dividir experiência com o Sr. Ettore, por algum tempo, se sentem incapazes de fazer jus à riqueza, à profundidade e à inteligência de seu pensamento e, acima de tudo, de sua experiência compartilhada.

O que sempre me chamou a atenção na relação que construí com o Sr. Ettore, sobretudo por conta da fundação da Academia Saltense de Letras, foi a sua disposição para aprender. Observava que seu comportamento era regido pela vontade de aprender coisas novas, ainda que isso pudesse implicar um esforço imensurável à sua condição física.

Lembro-me do dia em que comprou um computador, aos 90 anos de idade, e me chamou a sua casa para ajudá-lo a usar a máquina. Aquele gesto, aparentemente simples e corriqueiro, tocou os meus sentimentos de forma profunda. A vontade de se atualizar para continuar compartilhando suas experiências, pesquisas e saberes dizia com todas as letras que o conhecimento só tem sentido se estiver ao alcance do outro.

O Sr. Ettore deixou em mim o desejo de defender e garantir, seja na relação profissional ou pessoal, seja na relação com adultos ou crianças, o direito ao futuro, porque o direito de ter esperança deve ser sempre um direito de todos nós.



E-mail para o amigo Ettore Liberalesso

Marilena Matiuzzi

Cadeira no. 39

Patronesse - Cora Coralina

Em janeiro de 2012, Ettore Liberalesso teve complicações em sua saúde e foi

internado em um hospital de São Paulo, depois passou alguns dias se restabelecendo na casa da nora, também em São Paulo.

No entanto, como amiga, queria continuar mantendo contato com ele e, como não havia outro modo, resolvi escrever-lhe.

Em 18 de janeiro escrevi este e-mail, que, após seu restabelecimento, ele me agradeceu dizendo: *fiquei emocionado com suas palavras e quero que saiba que sempre a considereirei e a considerarei uma grande amiga.*

O e-mail:

“Querido Ettore,

há pessoas que vieram para esse mundo para engrandecê-lo, seja por suas ações, seja por seu talento, seja por seu amor, seja por qualquer das virtudes e/ou qualidades que um ser humano possa ter.

Essas pessoas são aquelas que, nessa longa marcha histórica em que estamos inseridos, ajudam a tornar a sociedade humana melhor.

O senhor é uma dessas ilustres pessoas.

Estou escrevendo essas linhas com o coração cheio de agradecimento à vida por ter-me dado a alegria de tê-lo conhecido e de termos nos tornado amigos.

Tenho muito orgulho por ter contado com sua sábia e doce companhia em momentos importantes de minha vida.

Foi lisonjeiro demais para mim quando estive em minha casa, convidando-me para participar do partido político do qual era membro. Foi confortante quando me apoiou e trabalhou para minha candidatura a Prefeita de nossa querida Salto.

Hoje enxergo que aquele seu gesto foi mais do que uma prova de amizade por mim; foi a declaração de *uma alma vanguardista, muito à frente de seu tempo, capaz de romper com os seus próprios paradigmas para ajudar a realizar algo que julgava ser correto. Parece pouco, mas estar ao lado de uma menina/mulher, apoiando-a na decisão de ser a líder de sua cidade, num tempo em que aquilo era fato inusitado em Salto, foi um gesto dos mais vanguardistas que um homem da sua idade e com a sua influência poderia ter. Foi uma declaração da sua força, da sua coragem, da sua autonomia, do seu desprendimento, da sua liberdade.*

Também não foi menor o meu orgulho em ter recebido oficialmente do senhor o convite, em 2011, para ingressar na *Asle*. *Quanta doçura, elegância e humildade naquele seu gesto. O compromisso e amor que o senhor tem pela Academia, é aprendizado de vida para qualquer um de nós.*

A sua alegria de viver, o seu amor pela cidade, o seu carinho e respeito pelas pessoas, o seu comprometimento com suas obrigações, são marcas de uma personalidade que imprimiram nas nossas vidas um exemplo a ser *seguido*. *Desejo que se restabeleça logo e que volte ao nosso convívio.*



O discreto Ettore

Odair Schiavone

Cadeira no. 09

Patrono: José de Alencar

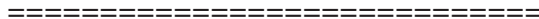
Quero, através desta narração, homenagear este grande homem e amigo Sr. Ettore Liberalesso. Foi apenas uma passagem que convivemos.

Em maio de 1995, eu lançava meu primeiro livro com título “De Volta à Vida” e o Ettore fez a revisão e como sempre, solícito, aceitou meu convite para coordenar a noite de lançamento.

Estava eu fazendo meu discurso, empolgado pelo grande momento, comecei a exagerar no tempo da minha fala. Foi quando Ettore, com grande discrição, colocou um bilhete em cima da mesa, bem à minha frente. Mas, eu sem experiência, ingenuamente peguei o bilhete e sem tirar o microfone da boca, li o bilhete que dizia assim: “Está falando muito”. Foi uma gargalhada só em toda plateia e na mesa onde estavam também várias autoridades.

A partir daquele dia, comecei a admirar ainda mais aquele homem, discreto e sempre preocupado em fazer as coisas bem feitas e com amor.

Muito obrigado por ter participado da minha vida, caro amigo Ettore.



Anjo feito mulher!

Lázaro José Piunti

Cadeira 14

Patrono: Castro Alves

Já se disse e já se escreveu muito sobre Ettore Liberalesso. E por mais que se fale ou se comente, sempre será pouco. Sua dimensão humana é transcendental e sua história de vida ícone para todos nós!

Prefiro, no entanto, por justiça e deleite, me ocupar de quem contribuiu silenciosamente para tornar o Ettore maior em sua grandeza.

Facho luminoso clareando seu caminho, ela conviveu com ele por mais de setenta anos. Foi namorada, esposa, companheira e juíza dos seus atos.

Na cumplicidade doce se entendiam e na linguagem da ternura se comunicavam. Na edificação de sonhos comungaram solenemente alegrias e tristezas. Como poucos souberam distinguir espinhos e rosas, separando-os sem rompê-los. Sempre fiéis à natureza das coisas!

No jardim de suas vidas enlaçadas brotaram sementes. E flores!

Virgínia – anjo feito mulher – esteve para Ettore como a corda está para o violino, à água para o rio, o rio para o mar!

Se ele foi letra, ela se fez canção!

E ambos o poema!

Obrigado, Virgínia, por existir!

=====

Ettore - Eterno asleano, singelas homenagens, ainda que póstumas

Nicodemos Rocha

Cadeira no. 26

Patrono: Sócrates

Convivi tão pouco tempo com o Ettore. Só um ano. Ficou a imagem de uma figura que, aparentemente exibia uma aparente fragilidade física.

Ao mesmo tempo em que irradiava um exuberante vigor intelectual. E, na prática, aquela fragilidade era só aparente mesmo. Com mais de noventa anos, seus projetos de vida deslumbravam “jovens cinquentões”. Como presidente da Academia Saltense de Letras - ASLe – foi uma figura amável, que transmitia muita serenidade. Era compreensivo, porém exigente.

Não pretendo me alongar neste texto, porque meus olhos marejam, ante a lembrança dessa figura notável que foi Ettore, nublando a tela do meu monitor.

Ettore se foi, mas sua lembrança ficou. Lamento profundamente não ter convivido com o Ettore por mais tempo. Ainda tinha muito o que aprender com ele.

Com muita saudade!, Nicodemos.

=====

Impressões sobre visita ao Ettore em 18/01/2012

Anna Osta
Cadeira no. 02 -
Patronesse – Rachel de Queiroz

Cheguei perto das 17 horas no apartamento da Cristina, nora do Ettore, localizado entre a Alameda Campinas e a Avenida Paulista, em São Paulo. D o n a Virgínia estava sentada numa poltrona debaixo da janela da sala e bordava uma colcha de crochê colorida, para a casa de praia da Cristina no Guarujá – linhas de cores vermelha, amarela, azul e branca formavam quadrados (ou seriam losangos?) compondo um mosaico.

Deitado no sofá em frente à TV, o Ettore pareceu contente em me ver, sobre-erguendo-se com dificuldade, mas decidido a me receber em pé. Eu segurei suas mãos com carinho e as beijei, a tempo de detê-lo. Magro e abatido, ele conservava a lucidez de sempre.

– Eu não esqueci nada, mas às vezes as palavras me fogem à mente...– disse-me com um meio sorriso.

Com isso, justificou a dificuldade que sentia para falar.

Permaneci duas horas com eles e constatei uma mudança em Ettore nesse período. Chegou a se sentar numa cadeira, na sala de jantar, a fim de escrever de próprio punho as orientações finais para a publicação de sua biografia. Esse objetivo o fortaleceu!

E me diverti com a reação de Ettore ao ouvir a Cristina falar ao telefone para a Anita que o médico dissera que talvez ele precisasse retornar ao hospital para realizar alguns exames. Parou de escrever, olhou para a Cristina e protestou com as mãos, com aquele seu jeito de menino travesso.

Outro detalhe que me impressionou foi a sua capacidade de concentração: ele fechava os olhos e levava as mãos sobre os olhos para, logo depois, escrever o que desejava informar. Fez isso diversas vezes até considerar concluídas as preocupações que o perturbavam, naquela ocasião.

Ele também comentou sobre as fotos de que mais gostava e que tinham sido cuidadosamente escolhidas para compor o livro. Faziam parte desse grupo a foto dele descarregando objetos do fusquinha na frente do museu; ele abraçado à Thalma Di Lelli (por quem disse ter um grande apreço); a foto com o Dito Prado; as seis fotos da cidade que pertenciam ao Jorge; e a foto do prêmio “Projeto Cidadão” que ele recebera.

Ettore ainda deu orientações sobre a diagramação do livro: quantidade de páginas, “não muito grosso”; formato do livro, tamanho médio; corpo da letra, tamanho 10.

Por último, já um pouco ofegante, pediu:

– Não esqueça de se entender com o Geraldo (Prefeito Municipal de Salto, na época, que o visitara no dia anterior, colocando-se à disposição para viabilizar o evento de publicação de sua biografia) e sempre se aconselhe com o “bobo” do Valter Lenzi. – Abriu um belo sorriso ao citar o amigo.

No final da segunda folha de cor amarela em que anotara as suas orientações, Ettore escreveu que finalizara a sua biografia em 11.11.11. E em letras garrafais, finalizou com três pontos de exclamação: PRETENSIOSO!!!

Sou obrigada a corrigi-lo: MAGNÂNINO!!!

=====

Nota sobre Ettore

Anita Liberalesso Neri

Cadeira no. 11

Patrono - Maestro Gaó

Ettore Liberalesso Neri -

Ele foi um cidadão exemplar, visionário, generoso e realizador, para mim uma figura de autoridade, um amigo e um modelo. Quando sinto muita saudade, tento pensar que ele vive em mim, com seu bom humor, sua organização, sua produtividade, seu encantamento com a vida e seu espírito jovem. Meu pai.

=====

“Seu” Ettore, o ilustre que conheci

Laise Cristina Corti

Cadeira no. 32

Patrono: Vinícius de Moraes

Ettore Liberalesso, o filho mais ilustre de Salto que conheci. Um historiador da própria história. Durante os seus 92 anos de vida dividiu o seu bem mais precioso, o conhecimento, com todos que com ele pudessem estar. Devo a ele muito do que sei, descobri e conquistei. Sempre muito simpático e acolhedor, dividiu todos os seus

arquivos memoráveis dos tempos de Brasital durante os seis meses de minhas pesquisas para meu livro “Mãe Brasital, Um Fio de Saudade”, e até mesmo quando a idade pudesse pesar, rejuvenescia-se com sua memória e lucidez. Deixou a vida para entrar para a história, aquela que ele sempre soube contar. Viva Ettore, imortal!

=====

Ao nosso saudoso Ettore Liberalesso

Rogério Carlos Lamana

Cadeira no. 24

Patrono - Carlos Drummond de Andrade

Confesso que o pouco de tempo que estive juntamente com minha esposa no apartamento do nosso saudoso ex-Presidente Ettore Liberalesso, tive o privilégio de conhecer um ser inigualável de conhecimento e sua cultura na memória da nossa querida Salto, apesar da sua idade avançada e sua saúde abalada, nos atendia como se fosse a primeira vez, não se importando sobre qual seria a visita. Fui ao seu apartamento para dar andamento à minha posse na ASLe e estou muito lisonjeado pela amabilidade com que fui recebido, naquela noite maravilhosa, que jamais esquecerei, e me lembro muito bem que o Sr. Ettore me disse: *seja bem-vindo confrade Rogério*, e antes da posse ele me afirmou que estava feliz em ter na Academia uma pessoa surda, indicada pelo Sr. Odair Schiavone.

E quando a conversa vai e vem, mostrando um a um os acadêmicos e, para meu espanto, disse que conhecia quase todos eles, ora pessoalmente, ora pelo jornal, e ele ficava feliz por mim e dizia à esposa: *olha, o Rogério Lamana é surdo, mas fala*. E fica pasmo. E eu, como humildemente dizia que era um dom adquirido, ele tinha muito orgulho e admirava minha esposa, fazendo a tradução em Libras. E queria que eu conhecesse a sua nora, que também tem perda auditiva e estávamos tentando agendar um dia, para todos nos encontrarmos, mas quis Deus que ele partisse. No funeral acabei encontrando a nora, que por sinal me conheceu assim que cheguei ao local, conversamos - claro, em Libras - e ela dizia: *ele falava de você, ele falava que queria marcar um encontro*. Ela me disse uma coisinha que me emocionou, disse assim: **Rogério, o Sr. Ettore esperou você ser membro da ASLe e assim que se confirmou, ele descansou em paz. Parecia que o destino reservou a surpresa**”.

Dizia eu: **Mas com certeza ele partiu feliz, e com toda certeza ele está no céu sabendo da nossa história, do nosso diálogo, e eu só tenho a agradecer, mesmo que por um curto período de tempo, tenha convivido com essa maravilhosa pessoa.**

Ettore, contador de história

Cristina Maria Salvador
Cadeira n.º 20

Patrono: José Francisco Archimedes Lammoglia

Falar sobre Ettore Liberalesso, historiador, escritor, jornalista, é sempre um prazer e motivo de orgulho, inclusive por ter participado de sua vida de forma mais direta e intensa em seus últimos anos de vida.

Ao voltar a residir em Salto, tive a felicidade de conviver, além dos meus familiares, com pessoas amigas que fizeram parte do meu passado. Entre elas, Ettore e família. Um reencontro prazeroso que ocorreu em minha vida. Como foi bom! Reencontrei não só um amigo, mas um verdadeiro pai, o que me deixava alegre quando dizia: “*ganhei um filha, já criada*”.

A porta de sua casa estava sempre aberta para receber a todos que nela batesses, pois gostava muito de conversar, de trocar ideias e informações. Com uma memória fantástica, gostava de lembrar fatos passados, principalmente relacionados à sua atuação nos diversos setores da cidade, dos quais participou ao exercer funções das mais diversas. Tinha muitas histórias para contar e o fazia com prazer. Quando encontrava algum tempo vago em seus afazeres, se dirigia ao apartamento de uma das vizinhas, com quem tinha muito a compartilhar, e dizia: “*vim prosear, só tenho quinze minutos*”. Geralmente aqueles minutos se estendiam entre um cafezinho e muita conversa.

Era comum ao visitá-lo, me levar ao escritório, seu local preferido, pois sempre tinha algo novo a me mostrar. Um livro, um recorte de jornal, uma fotografia, uma pasta, um arquivo, cujos materiais constituíam verdadeiros tesouros. Numa organização impecável guardava relíquias, produtos de suas pesquisas, que contribuíam para o registro de suas obras. Ettore era um historiador nato, um escritor. Acrescentaria um contador de histórias, um pesquisador que não poupava esforços na busca de dados.

Em seus inúmeros empreendimentos, encontra-se da Academia Saltense de Letras-ASLe, associação na qual ele exerceu a função de presidente em dois mandatos, desde sua criação. Qual foi minha alegria e satisfação, quando me abriu as portas da entidade para participar como convidada de suas reuniões. Fato que, graças àquele convite e apoio dos membros dessa entidade, agora faço parte como membro ativo.

Um fato pitoresco de sua vida, ocorreu na porta do prédio onde morava com a esposa. Ele fugiu de casa. Fato este narrado por uma das moradoras que participou

do ocorrido. Quando retornou a Salto, após internação hospitalar, em São Paulo, numa manhã ensolarada de sábado, algumas moradoras conversavam tranquilamente, na entrada do prédio, quando surge o Ettore, que passa a fazer parte do grupo. Tinha descido do apartamento onde morava, fugindo dos olhares cuidadosos da esposa para tomar um pouco de ar, segundo verbaliza às companheiras. Conversa boa... o tempo passou. Num determinado momento, comenta que iria até o Supermercado, próximo do prédio, para uma caminhada. Uma das moradoras preocupada com sua fragilidade física, aconselhou que fosse apenas até a garagem, diminuindo assim a distância para que não se cansasse muito. Obediente, assim o fez, observado pelos olhares vigilantes.

No momento que iniciou seu retorno, surge a esposa muito preocupada e indaga se tinham notícia do marido. Foi uma risada só. Uma delas aponta e diz: *“Lá vem ele de volta, caminhando lentamente apoiado em sua bengala”*. Chega feliz pelo trajeto percorrido. Uma verdadeira proeza após dias de reclusão pela doença.

Qual não foi a surpresa, quando ouviram a esposa que pela tonalidade da voz demonstrava o susto e preocupação pelo estado do marido. *“Ettore, onde é que você foi?”* Ele simplesmente com um olhar de cumplicidade às amigas, respondeu: *“Fui dar uma voltinha”*. *“Vamos, o almoço está pronto”*. E lá foram os dois em direção ao elevador, deixando todas rindo da situação. Que fuga hein, Seu Ettore! Fechou a porta do lado de fora e agora foi abri-la em sentido contrário.

=====

Ettore

Rose Ferrari
Cadeira no. 38

Patrono – Mário Quintana

Desde que conheci Ettore Liberalesso - eu uma jornalista recém-formada e ele um conceituado editor de jornal - sempre o tive como uma fonte de conhecimento e sabedoria, daí o enorme respeito que me inspirava. Poderia mencionar inúmeros episódios nos quais aprendi com ele, mas só posso escolher um. Então, relatarei o mais improvável.

Estávamos eu e Ettore na recepção da Escola Sagrada Família a aguardar pelo horário de início de um evento. Conversa vai, conversa vem, para meu espanto, perguntou Ettore com sua cabeleira branquinha, branquinha:

– Rose, você esteve no desfile dos gays? – Referia-se à 1ª Parada Gay de Salto, realizada no dia 3 de junho de 2012, dois meses antes de sua morte.

– Infelizmente não, seo Ettore, tive outro compromisso – respondi surpresíssima pelo interesse de um senhor de 92 anos por tema tão polêmico.

– Eu também não fui, mas gostaria de ter ido. Gosto dessas coisas... Iria ficar ruim, né? O padre era capaz de ficar bravo porque ultimamente não tenho ido nem à missa... – e caímos na risada.

=====

Depoimento sobre Ettore

Décio Zanirato Júnior

Cadeira no. 22

Patrono – Fernando Pessoa

Em minha juventude, quando ainda morava em Salto, tive raros contatos com Ettore, que, à época, era um dedicado funcionário da Brasital. Durante mais de quarenta anos, escassas e superficiais foram minhas visitas à cidade. Ao voltar a frequentá-la com mais assiduidade e interesse, tomei consciência da importância de Ettore para a vida da comunidade, como seu historiador emérito, fomentador cultural e pessoa das mais admiradas.

Em esparsas conversas que posteriormente com ele mantive, creio ter percebido alguns traços de sua personalidade: firme determinação, imaginosa curiosidade, prazer na descoberta, anseio em aprender e informar. Impressionou-me, como característica decorrente, sua admirável predisposição ao autodidatismo que, entendo, possa ser um importante referencial para as gerações presentes e futuras.

=====

Sobre o saudoso Sr. Ettore Liberalesso

João Carlos Milioni

Cadeira no. 21

Patrono - Guimarães Rosa

Quando criança meu contato com o Sr. Ettore era puramente visual, e era assim porque a família Liberalesso morava em frente à casa do meu avô Dante Milioni. Do banco de madeira que havia na varanda eu via o Sr. Ettore passar, indo e vindo sempre com aquele semblante de homem ocupado e sério. Vez ou outra, ele parava um pouco para cumprimentar meus avós ou comentar alguma coisa de interesse naqueles dias.

O tempo foi passando e eu fui percebendo o quanto aquele homem foi se amiu-

dando por fora e se agigantando por dentro.

Até que de um dia para outro, ocasionalmente numa das ruas da cidade o incansável Sr. Ettore veio ao meu encontro e disse:

– Como vai João Milioni? E seus escritos como andam?

E eu que pensava que ele nunca havia me notado! Depois disso por duas vezes tive o prazer de ser recebido por ele em sua casa, onde ouvi e vi muito de seu conhecimento magnífico e de sua disciplina e organização invejáveis.

Por mais vezes acabamos nos encontrando pelas ruas e as conversas sempre giravam em torno agora dos nossos escritos, e como sempre ele estava alavancando alguma causa relevante para nossa cidade.

Apreendi com o passar do tempo a admirar cada vez mais aquele pequeno gigante de cabelos brancos e olhar aguçado.

Hoje sei que o nome Ettore é uma variante italiana de Hector, e pra quem ainda não sabe o significado do nome Hector é: “O GUARDADOR”

Acho que nunca uma pessoa justificou tão bem seu próprio nome como ele!

=====

Depoimento sobre Ettore Liberalesso

Élton Frias Zanoni
Membro Correspondente da ASLe.
Florianópolis – Santa Catarina

Tornei-me mais próximo de Ettore em 2010, último ano que trabalhei em Salto. Na oportunidade, em paralelo aos meus trabalhos no Museu da Cidade – que hoje leva seu nome – escrevi e dirigi um documentário que mesclava a vida de Ettore com a história de nossa terra natal, o qual batizei “O homem e a cidade: uma biografia de Ettore Liberalesso”. Foi então que entendi de fato a dimensão desse cidadão para a nossa Salto. Em poucas palavras, seria difícil descrever a obra e o homem... Gostaria apenas de registrar que sou, enquanto historiador e saltense, feliz por tê-lo conhecido, prestado minha homenagem em vida, convivido um pouco e, ainda, um privilegiado por continuar – de certa forma – o seu trabalho. Ettore, ao deixar de escrever no jornal Taperá, onde publicou seus artigos históricos por duas décadas, passou o bastão para mim: um grande presente que recebi. Dentro do que me é possível, continuo a publicar no espaço que foi seu. Assim, espero apenas que o futuro reserve algum tempo para que eu possa novamente reviver seus passos no trabalho de preservação da história de nossa terra e de nossa gente, pois sei que ficaria tão feliz quanto eu.

Sumário

Apresentação	5
Nossa última reunião com Ettore – Antônio Oirmes Ferrari -	7
Salvar o Tietê é salvar a própria vida – Antônio Oirmes Ferrari	9
Exéquias antecipadas – Valter Lenzi	12
Meu 8º filho – Valter Lenzi	13
Pretérito mais que Perfeito – Maria Damien Ignacio Pacheco	15
A “Rocha Moutonnée” – Maria Damien Ignacio Pacheco.....	16
Uma palma para o Brasil – Gasparini Filho.....	19
Tietê, um rio de sonhos – Gasparini Filho.....	20
Sonho dentro do sonho – Francisco Carlos Garcia	21
Meu “amigo” Anselmo – Francisco Carlos Garcia	22
Terezinhaaaa!... – Francisco Carlos Garcia	24
Memória em movimento – Carolina Padreca	26
Luíza e Josepha – Carolina Padreca	27
Pudicícia – Marcos Antônio Pardim.....	30
Reflexões – Olavo Marques de Souza.....	32
Olavo Bilac, o festejado poeta – Olavo Marques de Souza	33
Academia Saltense de letras – 1º Lustró – Daniel Gasparini	35
O Mundo Cristão aos pés da Argentina – Daniel Gasparini	36
A Biblioteca Municipal... – Genézio Migliori.....	37
O Ettore na Comissão de Nomenclatura... – Genézio Migliori	38
O tempo de educar – Mércia Falcini	40
Sonho, mistério e realidade – Mércia Falcini.....	41
Das novas horas – Marilena Matiuzzi.....	43
Para lembrar Camille Claudel – Marilena Matiuzzi	43
Minha inseparável amiga – Odair Schiavone	46
O livro de capa vermelha – Odair Schiavone.....	47
Nosso amanhã é hoje! – Lázaro José Piunti	49
Quem és tu? A que vens? – Lázaro José Piunti.....	49
Um quase nada de um quase tudo. – Nicodemos Rocha	51
Educação na Finlândia: uma observação crítica quase velada – Nicodemos Rocha	53
Desfolhar – Anna Osta	54
Dueto – Anna Osta	54
Movimento – Anna Osta	55
Nó cego – Anna Osta	56
O tempo: da Infância às Lembranças – Laíse Cristina Corti	57

Os 4 Sentidos – Rogério Carlos Lamana	59
Salto, cidade que acolhe – Cristina Maria Salvador	61
A importância da pergunta na desconstrução, reconstrução e construção de conhecimento – Cristina Maria Salvador	64
Um dia de vip – Rose Ferrari.....	67
Passo completo – Rose Ferrari	68
Joyce e Salto – Décio Zanirato Júnior.....	69
Efemérides e sincronidades – Décio Zanirato Júnior	70
Ajuda externa – João Carlos Milioni	73
Eu também tenho um sonho – João Carlos Milioni	74
Meu avô alfaiate – Éltton Frias Zanoni	76
Vigia é seu ofício – Éltton Frias Zanoni	77
O Ettore que eu conheci... – Antônio Oirmes Ferrari.....	83
O Ettore político – Valter Lenzi	84
Ettore Liberalesso – Maria Damien Ignacio Pacheco.....	86
Ettore Liberalesso – Gasparini Filho	87
“Seu”Ettore – Francisco Carlos Garcia.....	87
Sobre Ettore e Ettérea – Carolina Padreca	89
Ettore – Marcos Pardim.....	89
Ettore Liberalesso – Olavo Marques de Souza.....	90
Homenagem ao saudoso Ettore – Daniel Gasparini	90
Uma passagem do Ettore... – Genézio Migliori	91
Ao Sr. Ettore – Mércia Falcini	92
E-mail para o amigo Ettore Liberalesso – Marilena MatiuZZi	92
O discreto Ettore – Odair Schiavone	94
Anjo feito mulher! – Lázaro José Piunti.....	94
Ettore - Eterno asleano, singelas homenagens, ainda que póstumas – Nicodemus Rocha	95
Impressões sobre visita ao Ettore em 18/01/2012 – Anna Osta	96
Nota sobre Ettore – Anita Liberalesso Neri	97
“Seu” Ettore, o ilustre que conheci – Laise Cristina Corti.....	97
Ao nosso saudoso Ettore Liberalesso – Rogério Carlos Lamana	98
Ettore, contador de história – Cristina Maria Salvador	99
Ettore – Rose Ferrari	100
Depoimento sobre Ettore – Décio Zanirato Júnior	101
Sobre o saudoso Sr. Ettore Liberalesso – João Carlos Milioni.....	101
Depoimento sobre Ettore Liberalesso – Éltton Frias Zanoni	102